

SÃO PAULO ❖ JUNHO DE 1916 ❖ ANNO XV

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

— © DA © —

Associação Beneficente

— ❖ DO ❖ —

PROFESSORADO PUBLICO DE S. PAULO

Publicação trimestral, sob os auspícios da Directoria Geral
da Instrucção Publica

NUMERO 1



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO « DIARIO OFFICIAL »

1916



Professor Alfredo Bresser da Silveira

VICE-PRESIDENTE

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSORADO PÚBLICO

FALLECIDO EM 10 DE ABRIL DE 1916

Revista de Ensino

ANNO XV

JUNHO DE 1916

N. 1

Professor Alfredo Bresser da Silveira

A 10 de Abril ultimo, victimado pela insidia de uma calculose biliar, desapareceu dentre os vivos, após vinte e cinco annos de uma vida publica sem tortuosidades e em extremo afanosa, o emerito educador que foi Alfredo Bresser.

Incontestavelmente um dos mais abalisados membros do professorado paulista, pertenceu elle á já historica turma de normalistas de 1890, que, ainda em Dezembro ultimo, commemoraram o seu jubileu pedagogico.

Competencia comprovadissima, dedicação apostolica e extremado amôr á carreira abraçada, eis os traços caracteristicos, nitidos, inconfundiveis do grande amigo, do distinctissimo professor.

Em qualquer dos cargos ou commissões de que se viu á frente, foi elle sempre o mesmo : insinuante e esforçado, docil e resolutto, chão e pertinaz — mascula silhueta, poderosa armadura em que se abroquelava aquella alma de paulista, á antiga. Assim sendo, pois, não é sem o mais profundo abalo que a *Revista de Ensino* vem cumprir o doloroso dever de aqui estampar-lhe o sympathico perfil.

O que foi o nosso homenageado como filho, irmão, esposo, pae e amigo, melhor do que nós o diz, *a uma voce*, todo o vasto circulo de suas relações sociaes ; o que, porém, especialmente, foi elle como mestre, como educador eximio, já vem sendo proclamado, atravez de cinco longos lustros, por essas vinte e cinco gerações escolares que tiveram a felicidade de passar sob a luz carinhosa e bemfazeja de seus olhos.

Demais disso, mesmo officialmente, assim foi reconhecido e galardoado.

Companheiro dedicado, confiante sempre no progresso da escola paulista e na elevação da classe, foi um dos doze companheiros que, em Março de 1896, resolveram cotizar-se para publicar *A Escola Publica*, e, mais tarde, em 1901, concorria também, como socio fundador, para a installação da Associação Beneficente do Professorado Publico, de que era socio remido.

Tendo tomado parte activa na vida de nossa util Associação, occupava actualmente o cargo de seu vice-presidente.

Justissimo era, pois, que não deixassemos nós de aqui prestar esta embóra pequena mas sincera manifestação de pesar, estampando, como fazemos, a inesquecivel physionomia de tão distincto quão esforçado e meritoso educador.

* * *

O professor Alfredo Bresser nasceu nesta Capital, si não nos falha a memoria, a vinte e cinco de Março de 1872, e era filho de um consorcio de virtudes que se chamaram Exm.^a Sr.^a D.^a Clara A. Bresser da Silveira e Manoel Francisco da Silveira, já fallecidos.

Isso permite-nos dizer, entre parenthesis e paraphraseando o proloquio popular, que elle «saíu aos seus», ao que, porém cumpre-nos acrescentar : honrando-os, nobilitando-os ainda mais, si possivel, a golpes de trabalho, de dedicação, de pertinacia e de bondade.

Fallecendo, aos quarenta e quatro annos, relativamente moço, ainda não pouco se poderia esperar d'elle, dada a sua reconhecida e tenaz operosidade.

Casado, ha cerca de treze annos, com a distincta professora, Exm.^a Snr.^a D.^a Julieta Fagundes B. Silveira, deixa do seu enlace matrimonial quatro promissores rebentos, sem duvida, a esta hora, a esperanza unica da desolada companheira. . .

Em nome, pois, da *Revista de Ensino*, e no meu proprio, aqui fica, com o desalinhavado da phrase, o mais sincero preito

de nossa admiração, diante da imperecível memoria de tão distinto e estimado Collega.

Certo que, á partida dessa alma chã e sem jaça, desse puritano que foi Alfredo Bresser, certo, repetimos, a palavra empallidece inexpressiva, a penna vacilla e, hirta. . . apenas póde, a custo, pontilhar as interminaveis reticencias da mais acerba e indizível dôr!

Aos seus, á Instrucção Publica Paulista, os nossos mais sinceros pezames.

19-4-1916

R. L.



AS PROMESSAS DO ESCOTISMO

Conferencia realisada no Salão Lyra

Transcripta das columnas do *Estado de S. Paulo*, do dia 9 de Abril findo, damos a seguir a conferencia realisada pelo distincto escriptor Amadeu Amaral, no Salão Lyra, nesta Capital.

A importancia do trabalho do laureado poeta, em cuja alma vibra forte o sentimento patrio, impõe-se pela sua actualidade e franqueza.

Em linhas nitidas, em conceitos rapidos, estão ahi definidos os principaes caracteristicos da nossa actual educação.

Tratando d'*As Promessas do Escotismo* — Amadeu Amaral traçou um brilhante capitulo, que todo professor deve lêr e ponderar, pelo muito que se relaciona com a educação e preparo da mocidade.

Energico, com uma sinceridade digna de louvores, o distincto conferencista apontou sem reboços muitas das falhas e defeitos de nossa educação, indicando a rota a seguir para alcançar resultados que nos possam acobertar contra futuros desastres, motivados pela falta de um bem entendido patriotismo.

A *Revista de Ensino* pelo muito que deseja o progresso da educação, a elevação da escola e do mestre, transcrevendo a conferencia, espera que o professorado a leia e pondere com o interesse que ella merece pelos elevados conceitos que contem e pela largueza de vistas com que foi traçada.

« Meus jovens compatriotas.

Meus senhores.

Nunca se assistiu, talvez, no Brasil, a uma crise de pessimismo tão aguda, nem tão assustadora como a que atravessamos de alguns annos a esta parte. Os successos politicos da Republica, as difficuldades economicas e financeiras que temos experimentado, a rapida transformação dos costumes, vieram perturbando profundamente os espiritos e ensombrando as consciencias, cada vez mais, num crescendo alarmante, e hoje, em todo este vasto paiz, para qualquer banda que nos volte-mos, não lobrigamos senão signaes de um enorme, de um doloroso, de um inquietador abatimento. Já se disse, com razão,

que somos um povo de desanimados e de tristes. Todas as manifestações do nosso sentimento, todas as nossas idéas, todas as nossas dissensões, — todas as expressões da nossa vida moral, numa palavra, desde que se refiram a assumptos do interesse colectivo, apparecem saturadas de amarga melancolia e de opaco scepticismo. Fugiram dos nossos ares, um a um, como aves perseguidas por um vento aspero de inverno, todos os enthusiasmos generosos, todos os impetos desinteressados, todos os sussurros e todos os clamores da alegria e da confiança. Murcharam todas as illusões amaveis que prosperam e fulguram em outros climas menos corrompidos, como lindas e melindrosas florescencias de uma vida mais alta, mais nobre e mais fecunda. E por toda a parte só medram e alastram, numa rusticidade tenacissima e prolifica de tortulho, de escalracho ou de tiririca, os egoismos bravios, as impotencias doloridas e superciliosas, os pessimismos ferozes, as crenças enfermas que só acreditam no mal, as caricaturas de esperança que só esperam desastres, os enthusiasmos virados do avesso que se confundem com um furor vesanico de destruição, de achincalhe e de morte.

Todos vós sois espectadores desta triste realidade, e todos podeis dar testemunho de que não exagéro. E-se estado dos espiritos é tão geral e tão grave, que para constatal-o não é preciso sair do circulo das relações de cada dia. O mal estar é sensível, respira-se com o ar que nos cerca. Ninguém crê, ninguém confia, ninguém espera; e porisso ninguém luta, ninguém ousa, ninguém se rebella, ninguém vae contra a onda, que tudo arrasta na sua elastica e soturna invasão de torrente de pèz.

Esta psychose collectiva tem aspectos assustadores. A estagnação do patriotismo é um delles. Ausculte-se a alma popular, façam-se falar os individuos, interroguem-se velhos e moços, e verificar-se-á, consternadamente, que sumiu das almas tudo quanto constitue o vigor, a fulguração, a plenitude saudavel daquelle sentimento. O patriotismo, reduzido á sua essencia primeira, é apenas o amor espontaneo do torrão natal — affecto um tanto impreciso, quasi equiparavel ao apêgo instinctivo que prende os brutos domesticos ao canto onde nasceram e foram criados. Esse é o patriotismo-chrysallida, que dorme nos abysmos da inconsciencia, entre os povos primitivos, ainda incapazes de se elevarem ás grandes abstrações luminosas que fecundam o labor das fortes colmeias humanas, — e lá fica adormecido emquanto não se lhe acabam de entretecer as asas fulgurantes com que ha de romper o vôo em busca de espaço e de luz, e emquanto não lhe reponta no seio, como uma faisca,

o impeto frenético que ha de fazer vibrar essas asas. No Brasil, por influencias que não procuraremos explicar, a chrysalida se immobilisou no recesso das almas, prolongando o seu torpor muito além do que a normalidade permitiria. O patriotismo, em nossa terra, está limitado a esse vago apêgo instinctivo, obscuro e impotente, hesitante e mortiço. E' evidente a sua immobilitade. Socialmente, nada vale: não se inclue entre as forças de vária origem e intensidade que se entrecruzam, se entrechocam ou se confundem no ambiente. Não é factor de coisa alguma.

Não se manifesta senão por palavras, e ainda assim raramente. Mas as palavras, em grande numero de casos, não parecem ter sido feitas senão para encobrir o que na realidade se sente e se pensa. O que vale são actos — e ha muito que nos deshabituamos de os vêr traduzir, na vida publica, o verdadeiro patriotismo. Porque o patriotismo verdadeiro é um sentimento bem nitido, bem definido, bem flagrante, para que se possa confundir com outra coisa. Tem características originaes, que o distinguem da mesma forma que a corpulencia, as asas largas e fortes, o bico recurvo, a garra poderosa e o olhar flammejante extremam uma aguia de um pato ou de um papagaio. O patriotismo é amor, é orgulho, é aspiração e é esperança: tudo coisas que tendem para o alto, para a verticalidade, para a expansão, para a exuberancia, como os ramos do pau-d'alho ou do jequitibá se alongam a conquistar espaço e claridade. A anciedade, o desejar constante, a actividade energica são as pulsações da sua vida. A fé inquebrantavel é a sua marca. A capacidade de sacrificio é a sua belleza. Aborda os grandes commettimentos, acalenta os grandes sonhos, procura as grandes batalhas, e gosta de pairar muitas vezes acima do bom senso pratico, na região das sublimidades do pensamento e da acção, onde o pensamento e acção se integram no sonho e no extase, — como a aguia que demora nos pinaros, solitaria e rebelde, e dos pinaros arremette contra o desconhecido e o impossivel. No Brasil, onde as vibrações dessa fé ardente? Onde as actividades desinteressadas? onde os rasgos de sacrificio? Onde as audacias heroicas da coragem civica? Onde as lutas de idéas e de doutrinas? Onde resplendem esperanças? Onde canta sonoramente o orgulho nacional? Onde se acoitam as rigidas energias opiniaticas, pacientes, inquebrantaveis, transfiguradoras, que agigantam almas de eleição por outras terras, denunciando-lhes o relevo sob um clarão de religiosidade? Onde? Onde?...

Olhemos em torno de nós. Vemos eleições sem eleitores, lutas politicas sem partidos, o abandono das urnas, e o prestigio da autoridade publica a oscillar perennemente entre a louvami-

nha humilhante e a diatribe envenenada. Vemos uma incapacidade, que se diria absoluta, de agremiação, de associação, de entendimento e de esforço commum em torno de qualquer bandeira, de qualquer lemma, de qualquer objectivo superior: nenhuma liga, nenhum agrupamento, nenhum circulo, desses que enxameiam por outros paizes com mil intuitos diversos — propagar alguma doutrina, semear algum beneficio, preparar o terreno para algum melhoramento de ordem economica, intellectual, moral, civica, politica. O povo, alheio ás questões nacionaes, alheia-se igualmente, por completo, aos interesses da administração, com a qual apenas mantém as indispensaveis relações de dependencia, sem de nenhum modo lhe ir espontaneamente ao encontro para coisa alguma. A idéa de cooperação social desapareceu, como uma fantasia romantica, sob a piedade e o escarneio geraes. Vêde a instrucção popular. Em toda a parte do mundo, os particulares intervêm largamente no assumpto, organisando a sua acção, parallelamente á do poder publico: florescem as associações propagadoras do ensino e mantenedoras de estabelecimentos dispendiosos, as confraternidades de estudantes, as ligas dos paes, as obras de protecção e assistencia aos alumnos, as bibliothecas, os cursos livres, as universidades populares, os serviços de instrucção post-escolar. Aqui, não ha nada disto, — a não ser que se pretenda levar em conta, neste quadro geral, uma ou outra tentativa isolada, quasi sempre mal comprehendida, muitas vezes mal succedida. O contribuinte espera pela acção do governo, e se o progresso da instrucção publica, mesmo em S. Paulo, corresponde aos desejos de todos os particulares, não se deve, entretanto, se não aos esforços de alguns homens publicos. E o que se dá com o ensino dá-se com tudo quanto, dependendo da administração, podia e devia depender tambem da collaboração desinteressada dos administrados.

A nossa literatura reflecte, evidentemente, essa condição dos espiritos. Os escriptores queixam-se com amargura da sua situação economica, no Brasil, comparada com a dos confrades estrangeiros. Na Europa, a actividade literaria tem um valor computavel em algarismos, como qualquer outra, e póde constituir meio de vida: aqui, a regra geral é que seja um expoente de necessidade e um meio... de morte. Não discutamos essa questão. O que nos importa por agora é notar o seguinte: que, se no Brasil não ha producção literaria com valor commercial apreciavel, tambem não ha, em troca, nada que se pareça com a producção desinteressada, que abunda na Europa e na America do Norte, a par da outra. Lá, existe a literatura-mercadoria, a literatura que permite aos autores ter uma burra ao

lado da secretária ; e aqui, não. Mas, lá também ha a literatura que se faz inteiramente fóra da esphera dos calculcs financeiros ; ha os livros dos pensadores desprendidos, que os lançam na certeza de não encontrar grande exito no mercado de papel impresso, — para edificar algumas almas, fortalecer alguns espiritos, illuminar algumas consciencias ; ha os livros de fé, de apostolisação, de controversia, de sinceridades, de piedade, de amor, de revolta, lançados a lume por devoção a uma causa, por entusiasmo doutrinario, por impulsos de humanitarismo, por confiança no poder das idéas, por descargo de consciencia, por necessidade de gritar convicções. Desses não o temos. E disto se esquecem demasiado os que só enxergam, como elemento primacial de vitalidade literaria, o factor economico.

Por um livro de Euclýdes Cunha ou por uma pagina de Affonso Arinos, repassada de preocupação, de sentimento, de internacionalidade “brasileira”, temos milhares de inscriptos incharacteristicos, sem nada que nos revelasse, á falta de uma assignatura ou de uma indicação typographica de procedencia, que foram feitos no Brasil, por brasileiros. E, o que é ainda mais triste, o que é mais sério e mais assustador, é que não pouca parte dessa producção de penna visa deprimir deliberadamente o paiz, exagerando a sua pobreza, a sua incultura, o seu desgoverno, os seus vicios. Ha mesmo um certo proposito, do lado de grande numero de escriptores nossos, em deregrir e amesquinhar a propria nação em bloco, na sua composição ethnica, no seu destino. Aceitando, com estranha sympathia paradoxal docilidade, abstrusas theorias sociologicas de importação, mudaveis, incertas, sempre susceptiveis de rectificação, sempre ameaçadas de caducidade, quasi sempre eivadas de intenções estranhas ao puro interesse da verdade scientifica, proclamam a nossa racial inferioridade com tanta abundancia de argumentos e tanto calor, que se diria andarem orgulhosos de se haverem reconhecido cidadãos de uma patria fadada a perecer na sombra de uma irremediavel miseria...

*
* *

Tal, em traços largos e frouxos, o quadro que se nos desvenda quando procuramos lançar um golpe de vista á situação moral do nosso povo. Tal o quadro vivo, dentro do qual vos achaes, meus jovens compatriotas, dentro do qual nos achamos todos, como elementos da sua composição total. Já deveis ter sentido uma vez ou outra, com irreprimivel magua, com instinctiva repugnancia, o contacto frio de tanto desencorajamento, de tanta indiferença, de tanta conformidade com a baixesa, de tanta fé supersticiosa na incontrastabilidade de todas as poten-

cias do mal. E' tempo de vos irdes premunindo contra a enfermidade.

Fala-se muito, fala-se a cada momento numa "crise do character". Não sei bem o que possa ser, na verdade, essa crise, e desconfio muito que tudo se reduza a uma simple phrase. Os grandes caracteres, absolutamente distinctos pela amplitude e pelo relevo são raros em toda a parte, e não escasseiam completamente em nossa terra. Virtudes bellas e fortes, das de melhor cunho e mais acendrado fulgor, florescem por ahi, entre cardos e pedras, pelos recessos de mil vidas obscuras. Gente honrada e bôa, de uma só palavra e uma só fé, austera, generosa, prudente, justa, conheço-a eu, conhecemo!-a nós, e não pouca. Homens probos e dignos, vivendo para o trabalho e para a familia, na ardua, exhaustiva disciplina do dever quotidiano, cada um de nós os tem na sua casa, ou na sua parentela, ou no circulo das suas relações particulares. Em que consistirá, pois essa "crise do character"? Não sei. O que é visível — e isto até certo ponto é um mal universal e de todos os tempos — é a predominancia social dos que sacodem de si os liames incommodos dos escrupulos; e o que ha de particularmente noesso nesse phenomeno é que tal predominancia, ao contrario do que se dá em outros povos, não é contrastada pelos esforços conjugados dos bons e dos puros, é antes ajudada pela resignação, pela covardia, pelo commodismo, pelas mil formas de collaboração indirecta que a honestidade presta ao crime, julgando que se não diminue pela transigencia. Mas não ha necessidade de exagerar as coisas. Essa mesma sujeição ás forças corruptoras se explica, em parte, por exagero morbido de certas qualidades fundamentais do character brasileiro: a affectividade, o sentimentalismo, a brandura.

E tenho tocado agora, talvez, as proximidades do nosso mais profundo e mais malefico defeito: a molleza. O que mais nos fallece é a energia. A alma brasileira é frouxa. Nós não sabemos resistir com tenacidade nem avançar com perseverança. Somos dubios no bem como no mal. Temos o horror das attitudes francas, das responsabilidades arduas, dos emprehendimentos penosos, das lutas longas e incertas. Todas as lacunas e todas as características da nossa literatura espelham essa frouxidão. Não temos theatro, porque o theatro só floresce nas sociedades onde a vida geral enrijou as almas, solidificou os caracteres, diversificou os destinos, e tornou por isso possiveis as situações patheticas ou tragicas, os conflictos de consciencias e de vontades. O que predomina em toda a nossa literatura, no tempo e no espaço, é o lyrismo individual — e o que sobresaee nesse lyrismo é a melancolia, o pessimismo, o desencorajamento diante das rea-

lidades, a repugnancia pela acção. Os poetas sonham recantos afastados do bulicio mundanal, tranquillidades claustraes, espreguiçamentos voluptuosos no seio da natureza. A natureza, na poesia brasileira, não inspira sinão idéas de liberdade indolente e pacifica, á sombra das arvores, á beira dos caminhos... — A politica depara-nos a mesma frouxidão sob outros aspectos. Desprezando casos excepcionaes, toda ella se póde resumir numa palavra — transigencia. Toda ella se entretece de abdições. Os que conservam no geral naufragio um certo poder de vontade e uma certa dóse de resolução e de firmeza, são apontados a dedo como figuras estranhas e temiveis; e, ás vezes, todo o segredo do seu vasto dominio, diante do qual chegam a curvar-se os poderes do Estado, as legiões partidarias, o paiz inteiro, não está senão na simples capacidade de querer. Os homens de vontade forte vêm-se cercados de uma atmospheria de espantos, como thaumaturgos, como hypnotisadores, como bruxos. Dominam as massas com o prestigio do seu nome, governam os seus commandados com os olhos.

Se passamos a outras esferas, tudo continuará a confirmar o nosso enunciado. Não é só a politica que gira inteiramente á revelia da vontade popular. Todos os problemas collectivos ficam eternamente sem solução, desde que dependam dos esforços solidarios dos interessados. Não ha uma só classe organizada em vista de objectivos superiores ao interesse immediato e pessoal. Emfim, todos vós sabeis de experiencia propria que o typo médio do brasileiro, mesmo nas regiões onde nos gabamos de haver elle attingido um alto nivel de energia, póde ser representado por um individuo desconfiado e tímido, constantemente preocupado em apagar todas as saliencias da sua pessoa como quem desmancha as rugas de um casaco mal ageitado, e constantemente mordido pelo desejo de ser considerado “bom rapaz”, de não desgostar niuguem, de ser amigo de toda a gente. A sua propria linguagem, que fere a attenção dos estrangeiros, é caracteristicamente molle e hesitante. E todos vós tendes observado, de certo, como esse relaxamento de volição, como essa falta de firmeza se revela nas mais corriqueiras circumstancias da vida. Um sacerdote francez, o padre Gaffre, dedicando ao Brasil um livro de impressões de viagem, regista esta observação atilada e justa — de que, em nossa terra, as crianças costumam ser tratadas com taes extremos de ternura e de carinho, que são ellas, geralmente, que mandam dentro das casas. E’ a pura verdade. E uma vez constatada essa verdade indiscutivel, não será superfluo insistir nas mais?

E’ essa molleza que explica a maior parte dos males de que nos queixamos. Della deriva, com transparente naturali-

dade, esse desanimo que renuncia a todo idéal e a toda luta desinteressada. Ella envolve, evidentemente, essa depressão do patriotismo, para a qual chamei a vossa attenção. O patriotismo é um sentimento essencialmente energico e fecundo, mas não é um criador, é um transformador de energias. Se ellas não existem, elle decáe e murcha. Permitti, meus jovens compatriotas, que eu insista nesta observação. Elementar e singela como é, ella é de summa importancia para a definição da attitude que devemos guardar diante do pessimismo e do máu patriotismo. Dizia-vos eu, ha pouco, que é tempo de vos irdes premunindo contra a enfermidade que lavra pelo paiz. O primeiro cuidado a tomar é reconhecer que tanto o pessimismo como o patriotismo pervertido são effeitos de um mal mais profuado e mais geral.

Quando elles vos assaltarem na vida, quando os sentirdes ao redor de vós, em toda a sua malefica pujança, estareis de algum modo preservados do contagio pelo só facto de lhes conhecerdes a causa commum; e mais: podereis atacal-os na propria séde da sua triste vitalidade. Quando elles vos disserem que as miserias do presente são irremediaveis, que nenhum esforço regenerador vale a pena de ser tentado, vós direis com-vesco: — “Essas palavras de desanimo, não é a razão quem as dita, é a fraqueza. E’ esta que tenta justificar-se, torcendo e colorindo á vontade as realidades exteriores, para que tornem logica essa attitude de indifferença e de indolencia. A pintura que ella faz das nossas mazellas parece fiel e perfeita. Ilusão. Essa pintura não seria o que é, não seria tão escura, tão triste, tão desconsoladora, se a mão que a traçou tivesse sido guiada por uma alma robusta e valente, capaz de desejos fortes, de aspirações altas, de energias saudaveis.»

* * *

A nossa questão capital, portanto, é o problema da educação. A educação, no Brasil, — não é necessário que o tente demonstrar — é cheia de defeitos graves. E o seu defeito capital está em que, propondo-se formar caracteres, esquece demasiado o que ha de mais importante no character, a sua espinha dorsal — a vontade. Procura-se incutir no espirito dos educandos uma multidão de noções moraes elevadas e bellas, mas desdenha-se o unico instrumento capaz de dar um valor positivo a esse lastro. Idéas generosas e nobres, mas incapazes de se transformar em actos, servem apenas de atormentar as consciencias pelo sentimento doloroso da impotencia irreme-

diavel, aggravam a timidez e a melancolia, e dão aos indivíduos o aspecto de sombras errantes e impalpáveis.

Como meio de reacção contra os processos educativos em voga, nada conheço mais pratico nem mais proficuo do que o escotismo. O escotismo, bem executado, convenientemente difundido, corrigirá, completará e coroará a educação do lar e da escola; e depois, pelo effeito incontrastavel das suas esplendidas provas, fará que se modifiquem as tendencias e os methodos actuaes daquella educação. A elle, pois, todos os homens de boa vontade devem as suas mais carinhosas sympathias. A elle, vós, escoteiros, deveis toda a vossa dedicação, todo o vosso enthusiasmo, toda a vossa fé. Submettendo-vos alegremente á sua amavel disciplina, e pondo todo o vosso esforço em cultivar a vossa personalidade, para tornal-a mais válida, mais corajosa, mais confiante em si mesma, mais capaz de se conduzir galhardamente nas lutas da vida, estareis trabalhando, não para vós apenas, mas, positivamente, directamente, para a vossa terra e os vossos irmãos.

Em summa, que é o escotismo? Para bem comprehendel-o, é conveniente recordar como nasceu esse admiravel movimento, que na Inglaterra se tornou num verdadeiro movimento nacional. O general Baden-Powell, durante a campanha do Transvaal, impressionou-se profundamente com a maneira pela qual os «boers» empregavam os seus adolescentes nos trabalhos auxiliares da guerra — reconhecimentos de terreno, observação dos movimentos do inimigo, transmissão de ordens, etc. Imitou-os. Criou o seu primeiro pequeno exercito de rapazinhos espertos, vivos, alegres e dedicados, que lhe prestaram excellentes serviços no cerco de Mafeking. E começou a pensar nas vantagens de uma educação viril e energica da infancia, pela pratica da vida intensa e aventureira, pela disciplina e pela acção commum, pela luta com os obstaculos da natureza, pelo exercicio physico, pelo cultivo da alegria, da serenidade, da paciencia, da coragem... Voltando á patria, chocou-o o contraste entre o seu ideal de belleza moral e a realidade que o cercava. Notou uma certa depressão da vontade, um gosto menor pela acção, e um amollecimento do orgulho nacional; notou que os seus compatriotas malbaratavam sommas enormes de energia physica e moral em lutas sportivas isentas de qualquer determinação superior; notou que havia menos amor do que outróra ao trabalho regular e augmentava a paixão pela caça aos lucros de acaso; notou, em geral, na vida quotidiana das cidades, um accrescimo de brutalidade e de impolidez, e tambem de effeminação e de «sensibilismo». Emfim, os seus olhos, com a clarividencia do amor, descobriram por todo o

organismo da velha e forte Inglaterra signaes de depauperamento e decadencia. E disse, — palavras textuaes: «O meio de refazer as nossas energias entibiadas nos é ensinado numa maravilhosa escola, nos postos avançados das nossas colonias: a escola da vida selvagem. Lá, o individuo se vê na contingencia, quer queira quer não, de ser um homem, e não um carneiro; abre o seu caminho, palmo a palmo, através da natureza inimiga, e se quer vencer, tem de conquistar o exito em plena luta.»

Foi então que começou a tomar corpo, no seu espirito, a criação genial do «boy-scout», destinada a purificar a caudal nas suas nascentes. Reuniu um grupo de rapazes em flôr, e começou a sua obra. Arrancou-os á monotonia e á indolencia dos habitos quotidianos, á estufa da cidade, ao contacto dos livros e jornaes nem sempre salutaes, á atmospherá viciosa dos cinemas, aos exemplos de baixeza, de egoismo, de brutalidade que por todos os lados se lhes deparavam; levou-os ao campo, fel-os saltar vallos e regatos, caminhar e correr, trepar ás arvores, galgar collinas e escarpas, apanhar muito sol, respirar muito ar puro; ensinou-lhes a nadar, a construir pontes rusticas, a installar aparelhos de signaes, a estender linhas telephonicas, a encontrar o caminho perdido, a orientar-se de dia e de noite, a distinguir os animaes e as plantas, a reconhecer no chão os signaes da passagem de pedestres, de vehiculos, de bichos; a armar tendas, a construir cabanas, a fazer fogo, a cozinhar a comida, a curar os ferimentos e contusões... Tudo isto era um encanto, uma deliciosa tarefa, que illuminava a imaginação dos rapazes e lhes fazia vibrar o coração em fremitos de jubilo; dando-lhes a sensação viva e reparadora de que se tornavam mais fortes de corpo e de alma, mais potentes, mais capazes. Mas tudo isto seria ainda pouco sem uma regra estreita, sem uma disciplina rigorosa materialmente desses esforços, e que os coordenasse espiritualmente, dando-lhes uma significação e um objectivo. Então, em troca dos prazeres proporcionados, Baden Powell fez que os monitores e os chefes, durante os exercicios, no meio da actividade alegre dos rapazes, aproveitassem os incidentes para, sem longos discursos, sem exhortações pesadas, mas jovial e bondosamente, insinuar os seus conselhos, as suas advertencias, as suas lições. Esses conselhos, advertencias e lições ligar-se-iam todos á «lei do scout», uma lei breve e rigida, cujas infracções não se tolerariam em caso algum. Eil a, na sua singeleza despida de formulas:

- 1 — A palavra do «scout» é sagrada.
- 2 — O «scout» é leal.
- 3 — O «scout» tem o dever de ser util e de ajudar a outrem.

- 4 — O «scout» é amigo de todos e é irmão de qualquer outro «scout».
- 5 — O «scout» é cortez.
- 6 — O «scout» é amigo dos animaes.
- 7 — O «scout» sabe obedecer.
- 8 — O «scout» sorri e assobia.
- 9 — O «scout» é economico.
- 10 — O «scout» é puro de pensamentos, de palavras e de actos.

Essa lei é imposta á consciencia dos rapazes por meio de um juramento solenne, que lhes dá o sentimento da responsabilidade voluntariamente assumida como um compromisso de honra.

«Prometto, sob minha honra, fazer tudo quanto me fôr possível :

- 1.º — Para cumprir o meu dever para com Deus e o Rei ;
- 2.º — Para ajudar a outrem ;
- 3.º — Para obedecer á lei do «scout».

Em summa, a obra de Baden-Powell, verdadeiro achado genial, pode ser um maravilhoso processo para a remodelação moral de um povo — desde que seja executada na maior extensão possível e em toda a sua pureza. E' a melhor cura de optimismo, de juvenildade e de energia que se pode applicar a um povo, como o nosso, onde todas as outras reservas de forças foram atacadas e destruidas pela proliferação tropical do pessimismo e do desanimo, que «chorando o mal collaboram com elle».

Na Inglaterra, este movimento, como ficou dito, se tornou verdadeiramente nacional. O livro de Baden-Powell — «Scouting for Boys» obteve um exito inesperado, colossal: attingiu, ultimamente, a 240 milheiros de exemplares. As maiores personalidades do paiz promptificaram-se a auxiliar com o seu prestigio e o seu esforço a linda cruzada. O publico, em geral, comprehendeu-a, cercou-a de sympathia, tornou-a facil. Em 1913, o numero de escoteiros britannicos orçava por 700.000. E em Julho desse mesmo anno, deante de um acampamento de 50.000 «boys-couts», installado nos arredores de Birmingham, o rei, enlevado, teve a visão da grandeza nova que se erguia, e exprimiu nesta phrase o seu justo contentamento e o seu orgulho: — «Deixem lá! A velha Inglaterra está de pé!»

No Brasil, onde os males apontados por Baden-Powell na sua patria nos apparecem decuplicados em extensão e intensidade, o escotismo não encontrou, até hoje, fóra do pequeno circulo dos benemeritos que o tomaram a peito, senão raros

entusiasmos passageiros e verbosos... O publico, em sua grande maioria, continúa a ignorar-lhe a significação, a desconhecer-lhe a utilidade, a não lhe vêr o objectivo collimado. Por isso, mais tenacidade e mais paciencia se tornam necessarias aos que lutam por implantal-o neste paiz. Fiéis ao espirito do escotismo, esses patriotas devem confiar sempre e perseverar apesar de tudo. Um dia, sem duvida, este povo que alguns espiritos interessantes julgam demasiado «enthusiasta, imaginoso e poeta», se resolverá a ser o ultimo a adoptar em toda a largueza do seu territorio, e a amar com todas as veras da sua alma, essa cruzada alegre e luminosa como uma festa, fecunda e bemdita como um immenso trabalho de lavoura.

Nesse dia, poderá algum compatriota nosso exclamar, com embevecimento, numa vibração de orgulho, semelhantemente ao rei da Inglaterra : — « Emfim, Patria! te pões de pé! Emfim caminhas, de frente erguida, sorrindo pelo sorriso innumerable dos teus filhos adolescentes, confiante nelles e em ti mesma! »

AMADEU AMARAL. »

Educação physica

Ao desenvolvimento de uma instituição qualquer, isto é, á effectividade da sua evolução progressiva, precedem as idéas, que precisam estar sempre em evidencia até que a sua transformação em realidade dê á referida instituição novos surtos compatíveis com o evoluir humano. — DR. JOÃO CHRYSOSTOMO.
— *Ann. Ens. de 1914.*

Os raros professores que têm publicado trabalhos sobre educação physica, submettem-se ao criterio de que a mais opportuna propaganda é a discussão de methodos e de planos, de sorte que aos novos itinerantes está sempre desvendado um caminho que deve ser, naturalmente, seguido.

Com este intuito, recolhi através de leituras e da propria experiencia o que me pareceu mais aproveitavel a um trabalho deste genero, e, estes elementos dispostos, preparava-me para esboçar methodos e planos, quando me ocorreu uma idéa diferente.

Pareceu-me, e hoje me parece effectivamente, que não ha a minima oportunidade em publicações de trabalhos sobre educação physica que visem uma utilização immediata. Para que a oportunidade exista, é necessario que já se encontrem estabelecidas certas condições geraes reconhecidas indispensaveis pela maioria dos systemas e dos tratadistas. Na falta, é precisamente sobre o estabelecimento dessas condições geraes ou preliminares que devem convergir todos os esforços dos propagandistas.

Ora, o nosso apparelho escolar (perdoem-me a expressão) tal como está, apresenta a caracteristica de não se prestar absolutamente á implantação de nenhum systema racional de cultura physica. Para evidencial-o, façamos um raciocinio por analogia.

Si os estudos e progressos sobre methodos de leitura, por exemplo, são possiveis, é que a escola se presta perfeitamente a estas experiencias. Mas, imaginemos que em vez de ter no horario o tempo sufficiente diariamente e a hora propicia, a leitura dispuzesse sómente de uns poucos vinte minutos bi-semanaes, relegados para a ultima parte do periodo escolar, como a gymnastica. Seria possivel, com taes condições, que algum

pedagogo viesse prégar as excellencias do methodo analytico ou se desfizesse em cuidados nos pormenores da sua processuação? Tenho que não, pois a todos seria palpavel o erro inicial, e sobre elle, necessariamente, convergiriam os esforços de todos os educadores.

Tal facto, que é de uma clareza crystalina quando se trata de materia sobejamente experimentada, como a leitura, é bastante nebuloso quando se visa um assumpto mal explorado — tanto que ha muita gente que julga plenamente satisfeitos os designios da educação physica só porque os programmas lhe consignam o nome e as meninas jogam *baschet-ball* nos dias de festa. Fitas, como diz o moderno *argot*.

A uma professora que um dia me pedira uma aula de gymnastica, eu respondi com toda a simplicidade: «É inteiramente inutil, minha collega. Emquanto não tivermos gymnastica diariamente, de manhã, os bons e os maus methodos são perfeitamente innocuos — por feita de intensidade.

Duas são as condições preliminares, imprescindiveis, para a execução de qualquer systema racional de cultura physica: a distribuição quotidiana dos exercicios e a escolha de uma hora propicia.

Hébert, no seu bello livro «*L'éducation physique raisonnée*», depois de expôr com rara clareza as diversas partes do seu methodo, enceta, nestes termos, um dos seus capitulos finais: «Todas as questões de educação physica estão mais ou menos sujeitas a controversias, mas ha um ponto em que todos estão de accôrdo: é que os exercicios physicos devem ser feitos diariamente».

Com varios fundamentos, commungam na mesma idéa, os melhores tratadistas, como Lefebure, o brilhante propagandista do systema sueco; Heckel, o profundo conhecedor das molestias da nutrição e dos seus meios de cura pelo exercicio muscular; Demeny, o habil collaborador de Marey nas suas indagações scientificas sobre a mecanica muscular; o velho Lagrange e o proprio Hébert em todos os seus outros livros, notadamente na sua obra prima «*Guide pratique d'éducation physique*».

Heckel diz que as necessidades musculares são diarias como as dos outros apparatus. É tão irracional propôr exercicios physicos bi-semanaes como o seria ir á privada duas vezes por mez ou sentar-se á mesa em determinados dias da semana.

A divisão bi-semanal para os exercicios physicos é uma herança quasi secular da gymnastica de Amoros e de Jahn, a

qual progressivamente deturpada, chegou aos nossos dias resumida nos quatro apparatus que Demeny chamou os fetiches da educação physica: a barra fixa, as barras parallelas, as argolas e o trapezio.

Lagrange disse que este systema é de concentração — de tempo e de espaço. Por mingua de locais vastos, crearam-se apparatus que se accommodam numa sala e que dão a illusão de exigir um grande consumo de energia. Si os alumnos devem fazer durante a semana uma determinada somma de esforços, póde-se, mathematicamente, concentrar esses exercicios, e, em vez de dal-os em seis vezes, dal-os em duas sómente.

Demeny mostra que é illusoria esta pretendida concentração. A illusão vem do grande esforço que o individuo realiza, mas este esforço origina-se da desproporção entre os motores — os braços, e a massa a levantar — o corpo. O mesmo individuo que faz um exercicio violento para galgar dez metros de corda, subirá esta mesma altura, perfeitamente tranquillo, com auxilio das pernas.

No systema citado exercitam-se quasi que exclusivamente os braços, nos modernos systemas os exercicios das pernas, (marcha, corrida, saltos) tomam uma parte preponderante. Ora, se quizessemos concentrar tres lições do methodo natural de Hébert, numa unica lição, deixariamos o gymnasta literalmente estropiado. Seria como o individuo que quizesse absorver tres refeições de uma só vez. E' que ahí a razão é realmente a exigida para um dia de vida — não póde ser accumulada.

Ha ainda uma razão muito clara que eu não li em nenhum auctor, mas que me parece ser muito verdadeira: E' que o estado actual da vida, da civilização, dá uma importancia preponderante ás funcções do systema nervoso. Conhecemos individuos que nunca frequentaram escolas, que nunca fizeram uma cultura systematica da intelligencia, que são analphabetos, e que, entretanto, raciocinam bem, manobram bem os seus negocios e as situações diversas da lucta pela existencia. Do ponto de vista do physico, porém, isto nunca se dá. E' que a vida actual é um exercicio constante para a intelligencia. Na vida selvagem dá-se justamente o contrario. O individuo é naturalmente um athleta sem nunca ter pensado em fazer as piruetas da sueca.

Por consequencia, é muito mais logico descurar-se na escola algumas das disciplinas do que a gymnastica. Na propria escola e na vida, o individuo encontrará sempre occasião de exercitar a sua intelligencia, emquanto que raramente poderá pôr em exercicio os seus musculos.

Deduz-se desses factos que, por necessidade natural, assim como por necessidade social, a escola deve dar exercicios phisicos diarios aos seus alumnos e diariamente deve consagrar-lhes o tempo sufficiente.

A escolha do tempo propicio é um outro principio. Ha horas no dia em que o exercicio phisico é simplesmente nocivo. Todo mundo sabe do antagonismo entre o trabalho da digestão e o trabalho neuro-muscular, mas ha outros antagonismos. Em geral, o nosso organismo apresenta uma synergia complicada: tem de satisfazer uma porção de orgãos, mas não pôde satisfazer-os todos ao mesmo tempo. A satisfação de uns exclue a de outros. Precisamos comer e fazer a digestão do que comemos — trabalho grande e lento que exige sangue em abundancia. E' claro que durante este periodo não devemos saltar, correr, jogar boxe, resolver problemas de mathematica, etc., porque tudo isto determinaria em outros pontos a congestão do precioso liquido, que devia estar agrupado em torno do aparelho digestivo.

Comprehendem quasi todos este mecanismo, mas comprehendem menos que qualquer que seja a funcção sempre ha um agente que trabalha — o systema nervoso; e que, se é illogico dar-lhe ao mesmo tempo uma porção de trabalho, é illogico tambem fazel-o passar de um trabalho para outro sem um repouso intermediario. Pensava-se até pouco tempo que o exercicio phisico era um derivativo dos estudos. Hoje sabe-se que não. Quer o individuo estude, quer faça exercicios phisicos, quem trabalha é sempre o systema nervoso. O unico derivativo racional é o repouso. Sabe-se que o repouso produziu o effeito sufficiente pela volta do appetite de novas actividades.

Nas nossas escolas primarias e nas normaes, sobretudo, faz-se justamente o contrario. Primeiro exgota se o alumno com as lições que elle deve estudar de manhã e com as que deve repetir em classe; depois, quando se o tem bem extenuado, enviam-n-o para a aula de gymnastica. O alumno chega com as melhores disposições para o repouso. A cousa que mais o agrada no recinto é a immobilidade dos aparelhos, a tranquillidade do local. Fluctua-lhe pela imaginação o macio aconchego de um leito, de uma poltrona. O mestre diz, então: Vamos, rapazes, firmes! Imaginem se estão com disposição para ficar firmes. Se ha alguma difficuldade em escolher a hora propicia, creio que é bem facil ver, por este exemplo, qual é a hora que menos convém.

Todas as iniciativas em nosso paiz têm geralmente as suas raizes na Europa, com um pequeno trabalho apenas — o da accommodation. Tratando-se da educação physica, por exemplo, podemos perfeitamente colher os ensinamentos da França. A educação physica tem sido estudada ahi com rigoroso criterio scientifico, e os trabalhos de Demeny, de Lagrange, de Heckel, de Hébert, etc., não encontram similares em todo o mundo.

O trabalho de accommodation neste ponto decorre da differença de clima: Na França, o periodo escolar encontra constantemente uma temperatura amena. Entre nós, a canicula é a via de regra. São rarissimos os dias em que a frescura ambiente excita os nossos musculos; ao contrario, toda exposição ao grande ar excita appetites de sombra e de repouso.

Sendo assim, não vejo maneira de se encontrar uma hora propicia dentro do periodo escolar. Parece-me que a hora a escolher deve ser forçosamente extra-horario.

A solução é facil. O desdobramento dos grupos escolares, que se generalizou, diminuiu para os professores uma e duas horas de serviço. Que me conste, ninguem protestou contra esta diminuição. E' muito natural, pois, que não protestem tambem contra a volta do antigo regimen. A escola póde ganhar deste modo, sem nenhuma complicação administrativa, a hora que perdeu, a qual seria exclusivamente destinada á cultura physica.

Escolher-se-ia uma hora matutina, das 7 ás 8, por exemplo. Os alumnos teriam 40 minutos de exercicios e 20 minutos de repouso. Como de manhã a temperatura é fresca e convidativa aos desportos, e os alumnos se acham refeitos por uma noite de somno, teriamos o tempo optimo, aquelle em que o organismo tem verdadeiro appetite de movimento.

Propagou-se em nosso Estado o habito de jogar *foot-ball* á tarde. Ao cair do dia, rapazes e creanças entregam-se aos exercicios mais violentos. Poder-se-ia concluir que esta escolha toda expontanea, é a mais conveniente. Talvez seja engano. Pelo menos não é uma escolha determinada por exigencias physiologicas. A esta hora acha-se o organismo entregue á digestão do jantar, que é a refeição mais abundante, donde se conclue que os nossos jovens são candidatos á dyspepsias fataes. E' verdade que alguns deixam o jantar para depois dos jogos, mas, é ainda um engano, porque, como diz Heckel, a boa digestão requer o repouso depois e *sobretudo* antes da refeição. A razão desta escolha é toda de ordem social: joga-se a esta hora por-

que todos estão mais ou menos desoccupados. E' um aproveitamento, de resto, bem prejudicial.

Vê-se, pois, do exposto, quaes as duas condições imprescindiveis que a escola deve satisfazer já para que as discussões sobre educação physica se tornem aproveitaveis. Os outros melhoramentos virão naturalmente depois, suscitados pelo proprio funcionamento do aparelho.

Como meio proprio para despertar o gosto pelas questões de educação physica, nada me parece mais efficaz do que a exposição das taras physicas contemporaneas, e da noção da verdadeira belleza corporal. Serviram-se desse meio Demeny, Heckel, Hébert, nos seus notaveis tratados. De Demeny ha mesmo alguns cartões do *Museu Deyrolles* especialmente consagrados ao assumpto. Não creio que haja alguém que após a leitura das exposições desses auctores e da contemplação das gravuras com que illustraram os seus textos, não fique definitivamente convencido da enorme decadencia physica contemporanea, e não se considere um batalhador pela regeneração corporal do homem civilizado. Devia-se fazer imprimir alguns mapas parietaes em que as diversas anormalidades physicas fossem fielmente illustradas. Ao lado desses aspectos contemporaneos alinhar-se-iam as gravuras da estatuaria grega como o mais perfeito modelo da belleza physica. A contemplação dessas gravuras, acompanhada de commentarios do professor, faria entrar pelos olhos a necessidade da cultura physica. Não ha ninguem que, esclarecido a respeito das taras, não sinta diante da *Venus de Milo* ou do *Discobolo* a feiura contemporanea. Não ha meio mais forte para se inculcar a noção da belleza hellenica.

Outro incentivo forte é a saúde, aliás o verdadeiro objectivo da educação physica. Serviam-se della com abundancia e grande sciencia os auctores enumerados. No dia em que tivermos convencido o homem de que a maior parte das suas doencas são causadas pela sedentariiedade e pelo receio de se expor aos elementos, a educação physica terá ganho a sua causa.

Procedendo assim, teremos posto a educação physica no seu verdadeiro caminho e afastado della o engodo dos *sports*. O seu nobre objectivo não é fazer *goal*, desencaleando no peito da mocidade os impulsos das fortes paixões por cousas futeis e sem utilidade. A sua mira real é aparelhar-nos para a saúde e para a belleza.

O interesse dos *sports* é proprio da mentalidade infantil que, como demonstram os estudos sobre os jogos, tem imaginação e ingenuidade para sentir como reaes as tramas das suas puras concepções. O adulto cultivado e sensato desgosta-se facilmente destes engodos infantis. Desta sorte a perennidade do exercicio

physico, cuja necessidade se estende até a mais remota velhice, não fica assegurado.

E' preciso, pois, que ensinemos os verdadeiros objectivos da educação physica, e de seu valor decorrerá, naturalmente, o interesse que ella ha de despertar.

Como disse, porém, estas questões são secundarias. A necessidade imprescindivel e preliminar é que se crie na escola um aparelho propicio aos subseqüentes progressos da educação physica — urge que lhe demos tempo sufficiente e hora adequada.

Pitangueiras, 15 — 2 — 1916.

EUDORO RAMOS COSTA.

BIBLIOGRAPHIA :

- Dr. F. Lagrange: *Physiologie des exercices du corps*. Alcan, éditeur, 6 fr.
- Dr. F. Lagrange: *L'Hygiène de l'exercice chez les enfants et les jeunes gens*. Alcan. éditeur, 4 frs.
- Dr. F. Lagrange: *L'Hygiène de l'exercice chez les adultes*, Alcan, éditeur, 4 frs.
- Dr. F. Lagrange: *La médication par l'exercice*, Alcan, éditeur, 12 frs.
- Demény: *Les bases scientifiques de l'éducation physique*. Bougault, 6 frs.
- Demény: *Mécanisme et éducation des mouvements*. Bougault, 9 frs.
- Demény: *L'évolution de l'éducation physique: l'école française*. Fournier.
- Demény: *Méthode positive d'éducation physique*. Paulin.
- Demény: *E'ducation et harmonie des mouvements*. Librairie des Aumales.
- Hébert: *L'éducation physique raisonnée*. Vuibert et Rony.
- Hébert: *Guide pratique d'éducation physique*. 8 frs.
- Hébert: *L'éducation physique ou l'entraînement par la methode naturelle*. 2 frs.
- Hébert: *Le code de la force*. Laveur, 4 fr. 50.
- Hébert: *Ma leçon type*. 4 fr. 75.
- Hébert: *Culture virile*. Oudin.
- Lefebure: *L'éducation physique en Suède*. 6 fr.
- Lefebure: *Méthode de gymnastique éducative (système suédois)* 5 frs.
- Dr. Heckel: *Culture physique et cures d'exercice*. Masson, éditeur, 10 fr.
- Dr. Heckel: *Les grandes et les petites obésités*.

PEDAGOGIA PRÁTICA

Pelo ensino

I

Linguagem escripta

Professor ha oito annos, e director de um estabelecimento de ensino preliminar ha dois, tem sido sempre a minha preocupação constante, o meu sonho eterno de acordado, a uniformisação da LINGUAGEM ESCRIPTA em nossas escolas, disciplina importantissima, que pesa, com uma responsabilidade grande, sobre os hombros do educador consciente e digno da missão que exerce. Nesta disciplina se condensam principios excellentes de Moral e ensinamentos vivos de Hygiene e de Civismo.

Rabiscar um caderno — é falta de educação; sujar-o — falta de asseio; escrever mal e sem cuidado — falta de patriotismo!

E' animado por um dever sagrado de brasileiro, por um sentimento nobre de amôr aos meus jovens patricios, e pensando auxiliar, com a minha pouca experiencia, a bôa vontade e o talento dos meus collegas de magisterio, que me abalancei a publicar estas linhas, em prôl do Ensino no meu Estado natal.

Nas palestras pedagogicas, realisadas no Grupo Escolar que dirijo, tenho aproveitado, vantajosamente, assumptos puramente praticos e de observação acurada. Ainda ha pouco, aproveitei a ultima reunião, para dar algumas ligeiras instrucções aos professores sobre a methodisação da Linguagem escripta em nosso Grupo. E tres foram as vantagens, tanto pelo lado pratico, ou puramente didactico, que resolvi dar á publicidade algumas

Instrucções geraes para o ensino da linguagem escripta

I — Os cadernos devem ter as suas paginas numeradas pelo professor da classe, para que a mesma pagina seja escripturada por todos os alumnos no mesmo dia, assignalando-se, com um traço colorido, a pagina respectiva, no caso do não comparecimento do alumno no referido dia. Dest'arte serão os cadernos concluidos uniformemente;

II — Os cadernos devem ser encapados, para que os alumnos se habituem, desde logo, á ordem e ao asseio ;

III — Os trabalhos diarios, que terão a data do dia em que forem feitos, deverão ser, escrupulosamente, corrigidos, em casa, pelo professor, que se utilizará, para tal fim, de lapis de côr ou tinta vermelha ;

IV — A letra adoptada será rigorosamente vertical ;

V — Serão dadas notas em todos os trabalhos, para estimular aos alumnos ;

VI — Deverá ser cuidadosamente evitada qualquer raspadura nos cadernos ;

VII — Os borrões e palavras riscadas devem ser punidos com diminuição de notas ;

VIII — Os trabalhos feitos num dia, serão corrigidos ESCRUPULOSAMENTE, em casa pelo professor, esclarecidos e discutidos os erros no dia immediato em presença dos alumnos, que deverão tomar parte activissima neste exercicio (verdadeira aula de critica), e passados a limpo, no terceiro dia, em cadernos apropriados ;

IX — Os trabalhos passados a limpo devem ser revistos tambem em casa, pelo menos uma vez por semana, tendo então o professor occasião magnifica de corrigir a falta de attenção dos seus discipulos e dar-lhes optimas noções de Hygiene e Educação moral ;

X — O professor esforçado escreverá no quadro-negro para occasiões opportunas, phrases suggestivas, como estas ;

Quem raspa os cadernos, dá máu indicio da sua educação.

Quem suja os cadernos, dá máu indicio de seu asseio.

O caderno é o espelho em que se reflecte a educação do alumno.

XI — Os exercicios de ambidextria devem ser feitos diariamente, e em relação a todos os trabalhos graphicos.

O segredo do progresso no ensino desta materia é a ordem e a gradação criteriosa nos exercicios dados.

Para tal fim organisei um pequeno programma que servirá para todo o primeiro semestre :

CLASSES DE 1.º ANNO

SECÇÃO A — Cada alumno deverá ter o seu nome numa tira de papel, collada em papelão, em bôa letra vertical, para cópias diarias ;

SECÇÃO B — A mesma observação, caso não saibam ainda escrever os nomes os alumnos desta secção ;

Cópias de sentenças, dando-se preferencia ás já estudadas na aula de leitura analytica, tendo o professor o cuidado de não dar palavras ou sentenças muito cumpridas ;

SECÇÃO C — Cópias de sentenças, estudadas anteriormente ; sentenças moraes ou de hygiene ; cópias de pequenos trechos do livro de leitura.

O cabeçalho é indispensavel, para que o alumno escreva cada vez melhor o seu nome.

2.º ANNO

Cópias ; dictados de trechos já copiados ou de palavras avulsas ; sentenças com palavras conhecidas.

3.º ANNO

Dictados ; sentenças com palavras extrahidas de lições anteriormente estudadas ; pequenas descripções ; bilhetes ; exercicios praticos sobre separação de syllabas, formação do plural e feminino dos nomes.

4.º ANNO

Dictados ; sentenças com palavras do livro de leitura — declarativas, negativas, imperativas, interrogativas, exclamativas, etc. ; pequenas descripções ; reproducções de historietas narradas pelo professor ; exercicios praticos sobre separação de syllabas, formação do plural e feminino dos nomes.

Durante o primeiro semestre basta apenas isto.

Jahú, 20 de Fevereiro de 1916.

OSCAR LEME BRISOLLA.

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO EM S. PAULO

D'O *Estado de S. Paulo*, de 28 de Novembro, transcrevemos, com a devida vénia, o artigo do sr. Mario Pinto Serva, respeito do importante problema do ensino, desejando assim o maior desenvolvimento possível na publicação de tudo que relacionar com a instrução popular.

A educação é a força propulsora por excellencia das sociedades modernas. Os paizes progressistas, que lutam tenazmente pelo seu aperfeiçoamento material e moral, empenham hoje as maximas energias no desenvolvimento e expansão do seu aparelho de instrução.

Todos os carinhos, todos os desvelos, todas as atenções se voltam nos outros paizes para esse departamento da administração, que é, sem duvida, o depositario sagrado do futuro das nacionalidades.

Se o Estado de São Paulo, na União Brasileira, é um dos poucos que sobrenada, destacando-se em meio á derrocada geral que se observa nos outros, deve-se-o em grande parte ao seu aparelho de instrução, que lhe confere incontestavel primacia no paiz, que constitue o seu melhor titulo de gloria, que o faz o sustentaculo maximo da Federação.

Entretanto, é força convir que o ensino em São Paulo evolue agora por força do impulso inicial que recebeu.

Ora, a São Paulo, que fez a independencia, que teve parte maxima na formação da nacionalidade brasileira, que é o nucleo mais poderoso de vida no organismo nacional, está evidentemente reservado o papel de construir o Brasil novo, de remodelar a nacionalidade nova que terá de surgir por sobre os escombros da actualidade. Mas o unico instrumento com que poderemos construir esse Brasil novo, essa nacionalidade refundida e regenerada, — é a educação.

Foi São Paulo que accendeu o facho, cujo clarão guiará o Brasil aos seus novos destinos, deixando atráz as trevas do presente. Em vinte e cinco annos São Paulo já organisou o seu aparelho escolar, cujos moldes estão sendo imitados pelos outros Estados.

Entretanto, vejamos a nossa situação na sua realidade concreta. Calculando a população do Estado em 3.350.000 habi-

tantes, a sua população em idade escolar (de 7 a 14 annos) é de cerca de 20 % ou sejam 670.000 menores. Ora, o numero de alumnos matriculados nas escolas de todos os grãos é talvez inferior a 200.000 e a frequencia real, isto é, a effectividade do ensino dado, anda por cerca de 75 por cento, ou sejam 150.000 alumnos. Dahi resulta que não recebem instrucção, no Estado, cerca de 520.000 menores em idade escolar, ou cerca de 75 por cento da população total nessa idade.

Se reflectirmos que o nosso Estado recebe a immigração em grande massa dos elementos menos cultos da Europa meridional, os quaes já compõem grande massa da nossa população, se levarmos em conta que precisamos assimilar e educar todos esses elementos, a conclusão a tirar é que temos de enfrentar e resolver o problema mais sério, mais grave da nossa existencia.

E' o problema fundamental do nosso futuro, base da nossa vida social. Sobre elle deveriam versar as cogitações dos nossos homens de Estado, pois para um povo que encara sériamente o seu progresso não ha questão mais grave. Mesmo na impossibilidade em que nos achamos de ampliar as dotações orçamentarias desse serviço, ha envolvida nessa questão uma série enorme de providencias, de medidas, de reformas, de iniciativas, que sobre o assumpto deveriam ser estudadas, discutidas, elucidadas, porquanto o aparelho pedagogico em toda a parte do mundo evolue constante e rapidamente, transforma-se diariamente.

Apesar disso, o Congresso do Estado, que devêra representar a mentalidade collectiva na elaboração da nossa evolução social, nem de longe se preocupa com o assumpto. Uma infinidade de assumptos de importancia, de detalhe, prende a attenção dos legisladores: o problema fundamental da nossa existencia collectiva não constitue objecto de um discurso, de um debate, de uma troca de idéas.

E' por isso que a instrucção em São Paulo ora effectua uma evolução quasi automatica, pois não lhe vem do alto, dos Poderes Legislativo e Executivo, o impulso de uma orientação superior a acelerar-lhe a marcha e o aperfeiçoamento.

Não ha iniciativas novas, não ha um sopro ardente de vida e entusiasmo a fecundar-lhe a acção para a realisação de nossos ideaes sociaes.

No Parlamento argentino, onde não impera mais a orientação rotineira e ancestral que ainda é a característica da nossa raça, o problema da educação elementar já é encarado como o factor fundamental na evolução do paiz. Sobre o assumpto são alli constantes as interpellações, que fornecem oportunidade ao Poder Executivo para mostrar o carinho e a attenção que lhe merece o problema.

Mas nós, no Brasil, ainda não tivemos o nosso Sarmiento: por isso a Argentina nos supera consideravelmente, estudado sob qualquer ponto de vista o seu progresso social e economico.

Pouco antes de explodir a guerra européa dizia um ministro inglez, lord Haldane: «De todos os problemas a serem resolvidos no paiz, não ha nenhum comparavel, pela sua magnitude assim como pela immediata influencia sobre o bem estar nacional e individual, ao da reforma educativa. Quando se estuda esse assumpto trata-se do que ha de mais fundamental, trata-se de questão que abrange e contribue para a solução de todos os outros problemas. Depois dos meios de subsistencia material, não ha nada que mais de perto affecte os fundamentos da vida social como a quantidade e a qualidade da intelligencia nacional. Della depende não só o successo economico como toda a aspiração que nutrimos por uma democracia mais perfeita».

Entretanto, apesar de que, estudando-se a quantidade e a qualidade da nossa intelligencia, de accôrdo com os dados estatisticos officiaes mais seguros, é de indigencia a nossa situação mental, é de inopia completa, não ha para esse assumpto a consideração devida, grave, profunda, o esforço incansavel, tenaz que elle devêra merecer por parte dos que orientam a nossa evolução administrativa.

As phrases convencionaes encobrem a vacuidade das idéas e a nullidade do esforço e do trabalho mental desenvolvido nesse sentido.

Lembremo-nos de que o Brasil inteiro está na mais lamentavel situação moral e material, porque nunca tratou absolutamente de educar a grande massa de sua população, porque sempre cogitou de tudo menos da cultura do grande numero de seus habitantes, só lhe merecendo cuidados a das classes privilegiadas; demos-lhe o exemplo a seguir velando carinhosamente pela mais ampla diffusão da cultura entre o povo paulista, empenhando no assumpto o melhor da nossa intelligencia, o mais tenaz e dedicado esforço.

MARIO PINTO SERVA.

BEM HAJA O OPTIMISMO DO SR. ASSIS BRASIL

« Os homens não têm a idade que mostram, mas sim aquella que sentem ! » — disse o illustre compatriota.

O illustre sr. Assis Brasil dizia, um dia destes, quando o interpellavam em S. Paulo sobre o movimento da politica nacional, que não fôra elle que desertara a vida publica, mas sim a politica que o abandonára. Comprehendia-se nas suas meias tintas, na honestidade de suas reservas, a singular expressão do eminente democrata rio-grandense : s. exa. estava incompatibilizado com os processos politicos em voga.

Sabemos todos que essa lamentavel incompatibilidade vem de longe. A ultima vez que o sr. Assis Brasil tentou orientar e conduzir a opinião publica, moldando-a pelas suas aspirações, foi quando se reuniu a convenção que escolheu o sr. Ruy Barbosa candidato á presidencia da Republica, em opposição ao marechal.

Nessa assembléa, antes mesmo de se cuidar de escolher o candidato que devia ser contraposto ao marechal, o sr. Assis Brasil formulou o programma de um novo partido politico, cujo primeiro e mais fundamental postulado era a revisão. Falando agora, tantos annos depois, quando todos o suppunham sem a mais remota esperanza na salvação da patria pela regeneração do regimen, o intrepido campeão da democracia lamenta que a nossa inconsciencia politica tenha chegado ao ponto de proclamar a morte das eleições. Todavia, s. exa. ainda crê e espera. Fala como um moço, apesar de seus cabellos brancos, porque pensa « que os homens não são como as mulheres, que têm a idade que mostram, e sim aquella que sentem. Somos um minuto diante da eternidade, philosophou o dr. Assis Brasil, e tudo depende do que se colloca dentro desse minuto e da fracção vivida, e daquella que ainda nos resta ».

S. ex. está conformado com o logar que occupa, uma vez que não pôde ser escolhido para o primeiro.

« Proclamei a Republica, disse, com sombras de melancolia, em Pedras Altas, lá no meu municipio de Cacimbinhas. Si o senhor quizer saber como se governa, affirmou insinuante o dr. Assis Brasil, vá até Pedras Altas : Lá não encontrará nenhum analfabeto e sim homens que falam melhor o Portuguez que quasi todos os barachareis formados que aportam por aquelles caminhos ! ».

Em seguida, voltando ao pittoresco, disse sua ex. : ha uma certa analogia entre as montanhas russas e as nações : a vertigem da quéda impulsiona a subida. A tendencia é sempre para o progresso e as linhas que o desenham jamais são regulares.

Si o Brasil tiver a felicidade, mesmo sem eleições, de ter um presidente capaz, de ter um presidente que lute pela educação do povo e pelo desenvolvimento de nossas riquezas, será « ipso facto » uma nação livre e ha de progredir muito. Pena é que no estado actual os homens que poderiam salvar-o sejam encarados pela maioria como verdadeiros visionarios sinão desequilibrados como o heróe daquela peça de Ibsen, « O inimigo do Povo », que teve um fim tão triste pelo facto de querer evitar que a população bebesse uma agua transmissora do typho ».

Não se sabe porque, ha no fundo amargo do falar do sr. Assis Brasil, uma essencia de optimismo confortador, que aromatiza o ambiente pouco tranquilizador da nossa politica. Bem haja esse optimismo !

Palestra

pela distincta professora, exma. sra. d. Laura Mello e Souza, por ocasião da festa da Bandeira, no grupo escolar do Sul da Sé.

E' de praxe que, na primeira parte de um discurso, isto é, no exordio, a pessoa escolhida para proferir a oração se considere a mais humilde, a menos competente para fazel-a.

Isso que em geral obedece apenas a uma praxe, no caso actual corresponde a uma realidade. Como o Gama e com mais justiça poderei exclamar :

« Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal q'em mi se via
Me põe o inclyto rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave ».

Com effeito, sómente a extrema benevolencia do muito digno director deste grupo, póde explicar a immerecida escolha com que fui honrada por s. s. para falar na festa da nossa bandeira.

Pois vou tentar exonerar-me do encargo que, por audacia, tomei. Mas excuse-me o selecto auditorio adulto, a maneira por que vou fazel-o. Não farei um discurso : imaginarei tão só uma phantasia dirigida mais ás creanças que nos rodeiam do que ás illustradas pessoas que nos honram com a sua presença ; muito mais ás nascentes intelligencias pueris, ás quaes se destina esta commemoração civica, do que aos espiritos elevados e educados dos estranhos a esta casa.

E' para ellas, as creanças, que falarei.

Peço licença.

No dia 15 do corrente, dia de festa nacional — estava eu observando o nosso querido pavilhão auri-verde, que balançava ao impulso suave da brisa, quando ouvi, de uma voz mysteriosa, estas palavras :

— Bom dia, minha filha dilecta, minha dedicada amiga e defensora.

Olhei em torno. Era muito cedo. A rua estava quasi deserta. Quem poderia ter dito aquillo ?

Surprehendida, eu pensava ainda no estranho caso, quando a mesma voz proseguiu:

— Não sabes quem te sauda? Eu sou a Patria Brasileira. Tu não me podes ver, mas eu estou aqui nas dobras desta bandeira, que é o meu symbolo.

Só então notei que, com effeito, a mysteriosa voz saía da propria bandeira nacional que a brisa agitava ainda.

— Minha querida Patria, respondi — acabas de me saudar como tua filha dilecta e tua dedicada defensora. Porque? Eu não sou nem posso ser tua defensora. Esses titulos caberiam ao Presidente da Republica, ao vice-presidente, a um ministro do Supremo Tribunal, a um senador ou a um almirante. Mas, eu — pobre de mim! sou apenas uma modesta professora de creanças pequeninas...

— Pois eu te saúdo de novo, disse a Voz da Bandeira. Eu sei bem quem tu és, e o que fazes. Mas, embora fosses grande ou humilde, illustre ou obscura, celebre ou absolutamente ignorada, desde que trabalhas com lealdade e perseverança, eu te saúdo como minha filha querida, minha dedicada amiga e defensora.

E' verdade que o Presidente da Republica resolveu ha dias ordenar uns trabalhos que vão fazer voltar a alegria e prosperidade a milhares de familias residentes no Ceará; mas é tambem verdade que um menino muito pobre, muito pobresinho lá em uma villa remota do nosso S. Paulo, passa noites e noites estudando para ser admittido numa Escola Normal, de onde sairá professor, para ensinar a centenas de patricios seus.

Ambos — o Presidente da Republica, e aquelle menino — ambos merecem a minha gratidão, porque trabalham pela Patria!

E' certo que o Congresso votou uma lei importantissima, que vae assegurar por muito tempo a situação economica do povo brasileiro. Mas, sei tambem que um pobre lavrador de Minas Geraes, está esgotando suas forças e sua saude, para experimentar uma cultura nova, e isso tambem é trabalhar pela Patria.

Não ignoro que os Ministros da Justiça teem estudado e resolvido questões importantissimas em defesa da lei e do direito; mas, eu vejo tambem, lá muito longe, uma mãe carinhosa ensinando as primeiras letras ao seu filhinho, que será mais tarde um grande poeta, que vai escrever uma bella canção, que alcançará os corações das creanças, de Norte a Sul do Brasil.

Todos estes que trabalham, no mar ou na floresta, na officina ou na escola, no palacio ou na cabana, todos são meus filhos dilectos, meus grandes defensores.

Houve um momento de pausa. Eu estava pensativa. Depois a Voz da Bandeira falou:

« Si não comprehendes bem o que te digo, é porque talvez não saibas quem eu sou, ou antes, o que sou.

Não sou apenas uma porção immensa de territorio; não!

Eu não sou unicamente um estado politicamente organizado! não!

Sou tudo isto e muitas cousas mais. Sou a terra onde teus antepassados viveram e onde teus filhos viverão.

Sou o teu passado e o teu futuro; as tuas creanças e as tuas esperanças, os teus sonhos e as tuas illusões. Sou estas cidades e estes sertões. Sou este céu cheio de estrellas; sou as florestas cheias de passaros, e o campo com suas flores silvestres. Sou tudo o que os meus filhos dilectos quizerem que eu seja. Porque si elles luctam e trabalham, sentir-me-ei forte, prospera, feliz; si elles esmorecem e caem no desanimo e na desesperança, tornar-me-ão fraca e desditosa. Sim!

Porque eu sou a Patria Brasileira; e a patria é o estadista resolvendo os mais graves problemas nacionaes, mas é tambem o modesto soldado que, lá na fronteira, zela pela integridade do paiz.

Sou o entusiasmo dos meninos que saudam a bandeira auri-verde; sou a prece da creança que pede a Deus a prosperidade de seus paes; sou a esperança que as mães extremosas depositam no futuro dos filhos; a Patria é nostalgia do marinheiro que passa mezes inteiros em mares longinquos; é o canto do operario que, fatigado, mas tranquillo, regressa das officinas ao lar.

Pois que! Ainda haverá brasileiros que não sabem o que é a Patria, que não pensam, não luctam e não trabalham por ella?

Adeus! Vê esta bandeira; é o meu symbolo. Procura amar e honrar o pavilhão da tua terra. Esforça-te para que teus filhos, teus irmãos, teus discipulos amem como tu a bandeira estrellada do teu paiz. Adeus!»

E ao sopro da brisa suave, balançava-se o symbolo da Patria, a nossa linda bandeira auri-verde, estrellada como o céu verde, como as florestas de nossa terra.

Discurso

pronunciado pelo director do grupo de S. João da Bocaina, Augusto Penteado, por occasião da entrega de diplomas aos alumnos que concluíram o curso este anno.

EXMAS. SENHORAS E MEUS SENHORES :

Não ha, com certeza, nenhum de nós que se não recorde, com a alma cheia da mais doce emoção, a historia phantastica da Lampada Maravilhosa de Aladino que, na meninice, nos fazia sonhar com palacios encantados, resplandescentes de pedrarias custosas . . .

Hoje, senhores, essa excelsa ficção das «Mil e Uma Noites» se transmuda em realidade, porque a lampada da sciencia, tão magica como a de Aladino, illumina com seus reflexos curus-cantes a larga estrada da vida pratica, guiando todos os povos para o progresso, descobrindo quasi todos os segredos da Natureza.

De facto, sob a influencia benefica da instrucção, os homens têm conseguido verdadeiras maravilhas em todos os terrenos.

Aqui, á feição de grandes aguias, vêmol-os cruzar o firmamento com os dirigiveis; allí, apparecem-nos os vultos gigantes-cos dos scintistas, resolvendo, no silencio dos gabinetes de estudo, os meios de tornar a vida mais commoda, mais pratica e mais protegida; além, admiramos as descobertas dos submarinos, dos raios X, do telegrapho sem fios. . . Si lançarmos um olhar para o passado, evocando, por exemplo, os feitos heroicos dos intrepididos navegantes lusitanos, veremos que Portugal, no se-culo XV, para acabar com as superstições que corriam no reino ácerca do Atlantico — o Mar Tenebroso — fundou a escola nautica de Sagres. Fundada a escola, o futuro estava preparado. D'ella saíram essas gerações de marinheiros e descobri-dores que enriqueceram de gloria a patria querida, descobrindo mundos, fundando civilisações . . .

De todos os povos que nos precederam não foram os guer-reiros que nos legaram a maior somma de bens.

Dos chaldeus, dos phenicios, dos arabes, dos gregos e dos romanos, apenas aproveitamos o que elles deixaram no dominio da astronomia, da actividade commercial, da medicina, da arte e do direito.

Não temos nenhum entusiasmo pelas innumeradas guerras e destruições da antiguidade. O que nos aproveitaram essas manifestações de força bruta e de barbarismo? Nada, absolutamente.

Entretanto, admiramos os phenícios por terem elles inventado ou modificado o alphabeto; os gregos, pelo seu genio artistico; os romanos, pelos admiraveis tratados de direitos que até ainda hoje são um sustentaculo da justiça. E' que o producto do pensamento é immortal. A prepotencia e a força não conseguem impedir a marcha do progresso.

Pois bem, meus senhores, sendo o cultivo do espirito um bem de inestimavel valor, nós, brasileiros, que somos um povo joven e fadado ao mais risonho porvir, devemos trabalhar á medida das nossas forças, para o engrandecimento intellectual da patria, mantendo-a sempre na vanguarda das nações cultas. Para isso é necessario que se propague a instrucção pelo povo, sem distincção de classe, para que todo o cidadão possa comprehender os seus deveres e amar, como diz Bilac, « com fé e orgulho, a terra em que nasceu ».

O nosso Estado, meus senhores, não tem poupado esforços para desenvolver a instrucção publica, espalhando escolas por todos os recantos, afim de que os homens de amanhã, livres pelo raciocinio e pela integridade do character, contribuam para o renome da nação e lhe preparem dias prosperos e gloriosos.

Hoje, aqui em Bocaina, entre musicas e festas, alegrias e esperanças, o grupo escolar concede diplomas de habilitação aos alumnos que concluíram o curso este anno. Seja-me permittido pois, na qualidade de director do estabelecimento, dirigir aos senhores paes algumas considerações sobre as suas responsabilidades na educação da infancia. E' sabido que a grande obra da educação não consiste sómente em armazenar no cerebro da criança certa quantidade de noções scientificas: é preciso penetrar-lhe no coração, estudar-lhe as tendencias para o bem ou para o mal, afim de combatendo esta, dar maior desenvolvimento áquella. Ora, este trabalho immenso de instruir e educar, o professor não póde concluir sósinho. E' necessario que os paes repartam com elle as responsabilidades e o auxiliem em sua nobre tarefa.

Em alguns paes de autoridade pedagogica muito se tem escripto sobre a collaboração da familia no ensino, porque só ella poderá auxiliar a campanha contra os dissolventes vicios que acompanham o analphabetismo, imbecilizando gerações e gerações. Uma vez, porém, que os responsaveis pela educação das crianças se interessem pela sua formação, aconselhando-a

juntamente com os exemplos do mestre, a victoria do ensino será incontestavel.

Agora eu me dirijo a vós, alumnos que concluis o curso ! E' chegado o momento em que devemos nos separar ! Aqui estamos hoje todos reunidos. Ainda não navegastes pelo oceano revolto das paixões humanas, onde os homens, chocados pelo interesse, ás vezes se entredevoram como feras ! Essa rêde de difficuldades que se chama vida pratica ainda não vos prendeu em suas malhas de ferro !

As vossas almas são puras como o perfume das flores, e os vossos corações são espelhos onde se reflectem todas as bondades ! Qual será o vosso destino ?

Para alguns talvez a Fortuna estenda os braços, e para outros não ! Mas, seja qual fôr a sorte que o destino vos reserva, quer pobres ou ricos, poderosos ou humildes, patrões ou subalternos, infelizes ou amargurados, procedei sempre com honra e justiça, afim de vos tornardes dignos das licções que recebestes nesta casa !

A vida, como diz Mario Pederneiras, tem dois caminhos para um mesmo termo. » Um delles é facil, regular, direito e plano » — é o caminho dos que não sabem quanto custa a vida : tudo lhes sorri. Outro, rude, cheio de espinhos e curvas, ás vezes nos consome a mocidade e a velhice « no extremo avanço de um pequeno passo ». Este é o caminho dos que lutam e soffrem em busca de um ideal, sem conseguir tranquillidade nem glorias na terra. Pois bem, meus meninos ! Si para seguir o primeiro, tiverdes que transigir com a vossa dignidade, mudae de rumo ! Seguí sem hesitar o segundo ! Por elle não ireis sempre colhendo flores e, se as colherdes por acaso, talvez o espinho-inveja vos torture a alegria ! Mas, tambem, quando chegardes ao termo final, a vossa consciencia terá a doce consolação do dever cumprido.

Parti, meninos ! Os vossos mestres aqui ficam continuando a sua espinhosa missão de preparar os homens do futuro, e fazendo votos para a vossa felicidade e felicidade da Patria ! Adeus !

AUGUSTO DE CARVALHO PENTEADO

DIVAGAÇÕES

FESTA DAS AVES

« A protecção aos animaes faz parte da moral e da cultura dos povos ».

Victor Hugo.

A festa das aves, tão bella, encantadora, poetica, educativa e sabiamente instituida em as nossas escolas, pelo Exmo. Snr. Dr. Oscar Thompson, illustrado e digno director da Escola Normal de S. Paulo, não tem outro intuito que desenvolver, incutir e intensificar nos bondosos, sensiveis e innocentes corações das creanças, os delicados, nobres e puros sentimentos de ternura, meiguice e docilidade, carinho, amor e protecção ás boas, inoffensivas e ternas avesinhas, essas timidias e humildes creaturinhas que habitam as nossas bellas, magestosas e esmeraldinas florestas.

Demais, as aves são animaesinhos inoffensivos, bondosos e uteis, pois concorrem poderosa e benéficamente para destruir milhares e milhares de insectinhos nocivos, que estragam as nossas plantações e sendo verdadeiro e terrivel flagello da iavoura, nos conduzem á fome e á miseria, em virtude do seu numero assaz consideravel.

« As aves, no conceito sabio e acertado da talentosa, brilhante e laureada poetisa D. Presciliana Duarte de Almeida, da Academia Paulista de Letras, são o movimento, a vida, colorido, a harmonia, e, librando-se na vastidão immensa da atmosphera, são a imagem de nossa alma, quando se eleva nas azas da oração !

Ellas são os cantores sublimes que povoam as solidões e derramam a alegria e a suavidade pela terra ».

Para mim, as aves são a alegria do espaço, a poesia da natureza, e os seus melodiosos, suaves e dulçurosos cantos a musica do Universo !...

Ellas deslumbram as nossas vistas com as suas bellissimas, brilhantes e multicoloridas plumagens ; alegam e delicias os nossos ouvidos com os dulcissimos, ternos e maviosos gorgeios, ora repassados de alegria, impregnados de tristeza e entremeiados de saudades !...

Emfim, ellas são, com os seus harmoniosos, mellifluos e deliciosos cantos, a synthese de nossa alma alegre, tristonha ou saudosa !...

Ao assistir a solennidade da graciosa e suggestiva festa das aves, recordo-me, com o sorriso nos labios e alegria no coração dos argentinos e magistraes versos do inspirado e primoroso francez André Theuriet :

Salut, peuple heureux des oiseaux !
 Buveurs d'air aux ailes alertes,
 Ame et gâité des forêts vertes,
 Vous êtes des conso'ateurs...
 A chaque retour de l'année
 Votre musique d'hymnée
 Monte avec l'arôme des fleurs,
 Et sur la terre reverdie
 Votre amoureuse melodie
 Endort les humaines douleurs

As aves, como já disse o insigne e inspirado vate campineiro Benedicto Octavio :

São lindas joias, multicôres,
 Espaço em fóra a rutilar :
 Graceis nos prados, como as flôres,
 Bellas, nos céus, como o luar...

Para terminar, faço meus os versos do mesmo poeta que assim dizem :

Tambem, contentes festejamos,
 Bem como as arvores gentis,
 As meigas aves que ha nos ramos
 Das densas mattas do país...

Igarapava, 8-4-1916.

JOÃO T. DA SILVA BRAGA.

DIALOGO

— Olha esta pobre avesinha
Como soffre na gaiola !
Deixas presa a coitadinha
Emquanto vais para a escola ?

— Gosto de ouvil-a cantar
Noite e dia, tão contente. . .
Dar-lhe-ei o almoço e o jantar
Como Mamãe faz á gente.

— Mas isso não é bastante ;
Ella precisa voar
Para um logar bem distante,
Onde a não possam pegar.

— Comprehando, sim, e hoje, sabes ?
Ouvi dizer em bom som :
«Não deve prender as aves
Todo o menino que é bom.»

— Então, demos liberdade
A todas as avesinhas,
Que são presas sem piedade
Pela mão das creancinhas.

São Paulo, Abril de 1916

L. ROCA.

A LIBERDADE DAS AVES

DIALOGO

Para a «Revista de Ensino»

- Apanhei um passarinho . . .
que bellezinha, meu Deus !
Dormia, calmo, em seu ninho,
contemplando o azul dos céus. . .
- Sua mãe lá não estava :
exposta ao rigor do vento
e da chuva, ella voava
para buscar-lhe alimento.
- E, quando voltar. . . não sei
o que fará de afflicção !
Eu fiz mal. . . eu fiz. . . roubei
da infeliz o coração !
- E' verdade, meu amôr :
é mãe tambem a coitada,
e sentirá muita dôr
em sua alma torturada.
- Tua mãe o que faria,
si, ao chegar, devagarinho,
ao pé de tua cama — um ninho —
fosse encontral-a vasia. . .
- e negra como a oppressão,
horriavel como a orphandade !
- Com tanta pena fiquei,
tanta dôr no coração
que logo, logo, o soltei
e elle voou pela amplidão !

- Vou também o meu soltar :
 (abrindo a gaiola)
— Vai, neste dia de festa,
teus irmãosinhos beijar
Lá no seio da Floresta !

OSCAR BRISOLLA.

Zizi e o cão

- « Você não sabe falar ? »
pergunta Zizi ao cão ;
e, com as mãosinhas rosadas,
acariciava ao Sultão

Pois, Sultão seu nome era ;
nome bonito, não é ?
E Sultão não se movêra,
pensativo e triste até. . .

- « Em que pensas, meu amôr ? »
torna Zizi perguntar ;
você, bem sei, não é máu. . .
Porque não queres falar ?

E o cão, como si entendendo
as perguntas da menina,
ai ! beijava-lhe, lambendo,
a boquinha pequenina.

Das « Poesias Infantis ».

O. BRISOLLA.

NOTAS

Alfredo Bresser da Silveira

A dez de Abril ultimo falleceu inesperadamente, victima de rapida enfermidade, o distincto professor e que exercia actualmente o cargo de Director da Escola Profissional Feminina.

Alfredo Bresser da Silveira, tão cedo roubado aos affectos dos seus aos nossos affectos, foi um dos tantos que consagraram sua vida, sua actividade e suas esperanças a dar corpo, a traduzir em factos, como obreiro paciente e dedicado, esse trabalho que se chama — Ensino Publico Paulista.

Modesto, jovial para com todos, com uma correcção inexcedivel, elle desempenhou condignamente as funções do mestre moderno, consciente e dedicado, superiormente orientado, dignificando sempre a classe do professorado primario que tinha nelle um de seus ornamentos.

Socio fundador de nossa Associação, cujo caminhar sempre acompanhou com interesse, era actualmente o nosso vice-presidente.

A Directoria, fazendo inserir na acta de seus trabalhos um voto do mais profundo pesar, apresentou á Exma. familia as suas condolencias, associando-se ás manifestações realizadas em honra do extincto, cujo retrato orna as paginas de nossa *Revista*.

Victimado por insidiosa enfermidade, falleceu a 15 de Maio ultimo nesta Capital, o professor René Barreto.

Acompanhado por grande numero de amigos e collegas, o corpo do inditoso professor foi sepultado no cemiterio da Consolação, tendo sido depositadas sobre a sepultura grande numero de corôas, com sentidas dedicatorias, entre as quaes figurava a offerecida pelos Inspectores escolar, seus antigos companheiros.

Inspector escolar, professor de escolas complementar e lente na Escola Normal da Capital, René Barreto que em todos esses cargos, revelou sempre grande intelligencia, deixa viuva a Exma. Sra. D. Rita de Macedo Barreto, a quem a *Revista* apresenta seus pezames.

Escolas Profissionaes da Capital da Republica

Merece todo o louvor a actividade do illustre Dr. Azevedo Sodré, reformando, desde que assumiu a direcção do ensino publico da Capital Federal, todos os departamentos da instituição que, em tão boa hora, lhe foi confiada.

Ainda o mez passado d-u uma nova e magnifica orientação não só á Escola Normal da Capital da Republica como ás suas escolas primarias.

Agora modificou completamente a organização das Escolas Profissionaes, dando-lhes uma feição pratica, de que se póde esperar os melhores resultados.

Abaixo transcrevemos o Regulamento que reformou as referidas escolas :

Decreto n. 1.066, de 19 de Abril de 1916

DÁ NOVO REGULAMENTO ÁS ESCOLAS PROFISSIONAES

O Prefeito do Districto Federal :

Usando da auctorização que lhe foi concedida pelo art. 12, lettra *a*, da lei n. 1.750, de 5 de Janeiro do corrente anno, decreta :

CAPITULO I

Do ensino profissional — escolas profissionaes

Art. 1.º O ensino profissional, mantido pela Prefeitura, tem por fim dar a pessoas de ambos os sexos a instrucção technica necessaria para o exercicio de profissões em que possam com facilidade encontrar trabalho remunerador.

Paragrapho unico. Este ensino será primario, leigo e gratuito.

Art. 2.º O ensino profissional será ministrado ;

- a) em escolas profissionaes ;
- b) em escolas de aperfeiçoamento ;
- c) em institutos profissionaes.

Art. 3.º As escolas profissionaes, divididas em masculinas e femininas, funcionarão sob o regimen de externato.

Paragrapho unico. As escolas para o sexo masculino serão dirigidas e regidas por professores, e as do sexo feminino por professoras.

Art. 4.º Nas escolas profissionaes o ensino será dado simultaneamente em dous cursos : a) curso de adaptação ; b) curso profissional.

Art. 5.º O curso de adaptação nas escolas profissionaes masculinas comprehenderá :

a) as materias constantes do programma da classe complementar nas escolas primarias, com maior desenvolvimente dado ao estudo da physica, chimica, historia natural, hygiene, geometria e estereometria ;

b) modelagem e desenho profissional.

Art. 6.º Nas escolas profissionaes femininas o curso de adaptação comprehenderá :

a) as materias constantes dos programmas da classe complementar das escolas primarias, com maior desenvolvimento da hygiene e economia domestica ;

b) modelagem e desenho profissional.

Art. 7.º O ensino da iustrucção primaria será dado em cada escola por um professor e tantos adjunctos quantos se tornarem necessarios, tendo-se em vista a frequencia e o gráo de adiantamento dos alumnos matriculados.

§ I. O ensino de desenho e modelagem será dado em cada escola por um professor e tantos adjunctos quantos se tornarem necessarios, tendo-se em vista a frequencia.

§ II. O numero de adjunctos de instrucção primaria e de desenho não poderá exceder de um para cada grupo de 30 alumnos matriculados.

§ III. O ensino da hygiene será feito por dous professores, sendo um para as escolas masculinas e outro para as femininas.

Art. 8.º O curso tecnico-profissional será dado em officinas, cujo numero e natureza ficarão subordinados á situação da escola, capacidade dos seus edificios e circumstancias outras que não podem ser prefixadas, variando de uma escola para outra.

Art. 9.º As officinas, de accordo com as respectivas affinidades, serão reunidas em secções. devendo o alumno, sempre que fôr possivel, percorrer toda uma secção, afim de completar a sua aprendizagem profissional.

Art. 10. Nas escolas masculinas serão constituidas as seguintes secções :

- a) secção «madeira» ;
- b) secção «metal» ;
- c) secção «folha de metal» ;
- d) secção «couro» ;
- e) secção «livro» ;
- f) secção «pintura e trabalho de estuque» ;
- g) secção «pedra, tijolo e cimento» ;
- h) secção «tecelagem e fiação» ;

i) secção de pequena mecanica de precisão applicada a trabalhos em metaes preciosos, ourivesaria, relojoaria, apparatus scientificos de optica e acustica, balanças, etc.

j) secção «electro-technica» ;

k) secção «agricola» ;

l) secção de «palha, vime e bambú» ;

Art. 11. Nas escolas femininas existirão as seguintes secções:

a) córte e feitio de roupas brancas grosseiras e de roupas para operarios ;

b) córte e feitio de roupas brancas finas e de vestidos e roupas para senhoras e crianças ;

c) bordados e rendas ;

d) cintas e colletes ;

e) flôres e chapéus ;

f) lavagem e engommado ;

g) cosinha ;

h) arranjos e serviços caseiros ;

i) avicultura e apicultura ;

j) leite (fabricação de queijo e manteiga) ;

k) luvas e gravatas ;

l) photographias ;

Art. 12. Cada escola profissional terá as secções que puder comportar, de accordo com a sua situação e accomodações, devendo as secções ser installadas de modo completo, isto é, com todas as officinas que lhe disserem respeito.

Art. 13. A's escolas masculinas poderá ser annexo um curso nocturno de aperfeiçoamento para operarios que trabalhem em officinas particulares.

Parapho unico. Neste curso só serão leccionadas as seguintes materias :

a) portuguez e instrucção civica ;

b) arithmetica e geometria industriaes ;

c) desenho profissional ;

d) technologia e contabilidade proprias a cada profissão.

Art. 14. A's escolas femininas poderá ser annexada uma secção commercial, abrangendo o ensino das seguintes materias :

a) correspondencia e contabilidade commerciaes ;

b) dactylographia ;

c) estenographia ;

d) uma lingua viva, á escolha da alumna (francez, inglez ou allemão).

Art. 15. O ensino technico será ministrado por mestres e contra-mestres.

§ I. Haverá um mestre para cada secção e tantos contra-mestres quantas as officinas que constituirem a secção.

§ II. Na officina em que trabalharem mais de 15 alumnos será admittido um segundo contra-mestre.

Art. 16. Para a matricula no curso diurno de uma escola professional exigir-se-á :

- a) idade maior de 13 annos e menor de 21 annos ;
- b) certificado de approvação na classe média do curso primario de lettras ou conhecimentos equivalentes, verificados em exame de admissão.

§ I. Na secção commercial só poderá matricular-se a alumna que exhibir attestado de exame final das escolas primarias ou conhecimentos equivalentes, verificados em exame de admissão.

§ II. A matricula far-se-á em qualquer dia util, a partir de 16 de janeiro ;

§ III. Uma vez matriculado será o alumno inscripto na secção que preferir.

§ IV. O alumno do sexo masculino, que não tenha vindo de uma escola primaria, ou que nesta não tenha passado da classe média, só poderá iniciar o apprendizado professional 6 mezes a 1 anno depois de matriculado. Durante este espaço de tempo elle seguirá o curso de adaptação e se adestrará no desenho e trabalhos manuaes, de accordo com os programmas das escolas primarias.

§ V. Só serão dispensados de seguir o curso de adaptação os alumnos inscriptos nas secções commercial, lavagem e engommado, cozinha, arranjos e serviços caseiros.

Art. 17. O curso completo numa escola professional variará de 1 a 5 annos, conforme a secção escolhida pelo alumno.

§ I. A Directoria Geral de Instrucção Publica organizará e publicará programmas para o ensino nos cursos de adaptação e professional.

§ II. Com referencia ao ensino technico, propriamente dito, serão organizados para cada secção tres programmas : a) tecnologia ; b) desenho industrial ; c) exercicios systematicos, methodicos e progressivos de apprendizagem. Nestes programmas a materia será subdividida pelo numero de annos que durar o curso na respectiva secção.

Art. 18. Cada escola professional terá um horario de aulas e trabalhos organizados pelo director, de accôrdo com o inspector do ensino technico, os professores e mestres, e approvedo pela Directoria Geral de Instrucção.

Parapho unico. Este horario deverá attender ás seguintes circumstancias :

- a) os trabalhos da escola se iniciarão entre 8 e 9 horas da manhã e se encerrarão ás 4 horas da tarde ;

b) haverá no meio do dia um intervallo de $3/4$ de hora para recreio e merenda ;

c) as aulas de desenho se realizarão de preferencia pela manhã ;

d) o numero de horas de trabalho de officinas deverá augmentar progressivamente de accordo com o adiantamento do aprendiz, levando-se tambem em conta o adiantamento no curso de adaptação ;

e) nos sabbados as aulas se encerrarão ao meio dia, devendo os alumnos em seguida proceder a uma rigorosa limpeza das officinas e de todo o instrumental ;

f) o dia de sabbado poderá ser aproveitado para excursões instructivas ; uma turma, de alumnos mais adiantados, guiados pelo mestre, visitará uma officina modelo ou um estabelecimento fabril.

CAPITULO II

Das escolas de aperfeiçoamento

Art. 19. As escolas de aperfeiçoamento são destinadas exclusivamente aos adolescentes do sexo masculino, empregados na industria ou no commercio, e que queiram aperfeiçoar os seus conhecimentos profissionaes.

Paragrapho unico. Ellas funcionarão sob o regimen do externato e obedecerão a dous typos :

a) typo industrial ;

b) typo commercial ;

Art. 20. Nas escolas de typo industrial serão leccionadas as seguintes disciplinas :

a) portuguez e instrucção civica ;

b) arithmetica e geometria industriaes ;

c) elementos de physica, chimica e historia natural, applicados á profissão escolhida ;

d) desenho profissional ;

e) technologia e contabilidade relativas á cada profissão.

Art. 21. Nas escolas de typo commercial serão leccionadas as seguintes materias :

a) portuguez e instrucção civica : geographia commercial ;

b) uma lingua viva (francez, inglez ou allemão) á escolha do alumno :

c) correspondencia e contabilidade commerciaes ;

d) dactylographia ;

e) estenographia ;

f) arithmetica commercial.

Art. 22. Na mesma escola poderão funcionar os cursos commercial e industrial.

Art. 23. O ensino será ministrado por professores e adjuntos.

§ I. Haverá um professor para cada disciplina, exceptuada a tecnologia; e tantos adjuntos quantos se tornarem necessários, tendo-se em vista a frequencia.

§ II. Para o ensino da tecnologia e contabilidade proprias á cada profissão, serão contratados professores especiaes que só funcionarão quando houver uma turma de 15 alumnos, pelo menos, inscriptos, e só perceberão vencimentos quando funcionarem. O mesmo professor se encarregará do ensino da tecnologia dos officios que tenham entre si affinidades.

§ III. Os alumnos serão distribuidos por turmas de 10 a 25, no maximo, cada uma.

§ IV. Na divisão das turmas attender-se-á á natureza da disciplina e ao gráo de adiantamento dos alumnos.

§ V. Cada professor leccionará 4 turmas em dias alternados, sendo duas em um dia e duas em outro.

Art. 24. A matricula nas escolas de aperfeiçoamento se realizará em qualquer dia util, a partir de 15 de janeiro.

Paragrapho unico. Para a matricula exigir-se-á:

a) idade maior de 13 annos e menor de 18 annos;

b) certificado de approvação na classe média do curso primario de lettras ou conhecimentos equivalentes verificados em exame de admissão;

c) autorização, por escripto, do chefe ou patrão em cuja officina ou estabelecimento commercial trabalha o alumno.

Art. 25. Cada escola de aperfeiçoamento terá um horario de aulas, organizado pelo respectivo director, de accôrdo com o inspector do ensino technico, e approvado pelo Director Geral de Instrucção.

§ I. As aulas se realizarão pela manhã, das 8 ás 12 horas, e á noite, das 6 ás 9 horas.

§ II. O ensino do desenho será feito de preferencia pela manhã.

§ III. As aulas se iniciarão no dia 21 de janeiro e se encerrarão no dia 15 de dezembro, seguindo-se um periodo de férias.

Art. 26. O director da escola se entenderá com os gerentes das fabricas, chefes de officinas e patrões, no sentido de estabelecer uma certa união entre o ensino theorico, ministrado na escola, e a aprendizagem profissional, feita na officina particular.

Art. 27. O inspector do ensino technico visitará as casas commerciaes, officinas particulares e fabricas sitas na visinhança

de uma escola de aperfeiçoamento, afim de verificar qual o numero de adolescentes empregados na industria e commercio e de aconselhar os respectivos patrões a permittirem que elles se matriculem e consagrem duas horas consecutivas pela manhã, tres vezes na semana, para a frequencia da escola, sem prejuizo dos salarios que percebem.

CAPITULO III

Dos institutos profissionaes

Art. 28. A Prefeitura manterá dous Institutos profissionaes, um para o sexo masculino — «Instituto João Alfredo» — e outro para o sexo feminino «Instituto Orsina da Fonseca» —, funcionando sob o regimen de internato, e destinados a dar educação e instrucção professional a crianças desvalidas de ambos os sexos.

Art. 29. O «Instituto João Alfredo» admittirá meninos pobres maiores de 11 annos de idade e menores de 15.

§ I. Nenhum menino poderá permanecer no Instituto mais de 6 annos, e, igualmente, depois de haver completado 18 annos de idade.

§ II. Os meninos maiores de 17 annos, que hajam completado sua instrucção na profissão escolhida, serão desligados do Instituto que lhes dará um certificado de aptidão e comportamento.

§ III. O numero de internados no Instituto não poderá exceder de 500.

Art. 30. O Instituto «Orsina da Fonseca» admittirá meninas pobres maiores de 10 annos e menores de 15. O numero de internadas não poderá exceder de 250.

§ I. Nenhuma menina poderá permanecer no Instituto mais de 8 annos e igualmente depois de haver completado 18 annos de idade.

§ II. As meninas que tenham attingido 18 annos de idade serão desligadas, dando-lhes o Instituto um attestado de conducta e aproveitamento na profissão escolhida.

Art. 31. Destinados á assistencia, educação e instrucção professional de crianças desvalidas, os dous Institutos só poderão receber crianças desamparadas, de preferencia as que lhe forem enviadas pelo Instituto Ferreira Vianna, e, em seguida, as orphãs de pai e mãe, nascidas no Districto Federal, as orphãs de pai e aquellas cujos pais sejam invalidos ou interdictos, comtanto que residam ou tenham residido no Districto Federal.

Art. 32. Sendo o principal fim dos dous Institutos preparar operarios sãos, bem educados e instruidos, sua organização

e regimen interno devem obedecer precisamente a esse fim, para que os alumnos não se sintam mais tarde deslocados no meio social onde têm de viver e trabalhar.

Art. 33. A admissão de alumnos será feita por ordem do Prefeito, mediante requerimento com o nome do candidato por extenso, sua idade, naturalidade e filiação, bem como o nome e residencia do requerente.

§ I. A este requerimento deverão ser juntos attestados e documentos que provem estar o candidato nas condições de ser admittido.

§ II. Não serão admittidos menores que soffram de doenças contagiosas ou tenham defeito physico que os inibam de seguir com proveito o aprendizado profissional.

§ III. Todos os candidatos á admissão serão préviamente examinados pelo medico do estabelecimento.

Art. 34. Nos institutos profissionaes as aulas e trabalhos de officinas se iniciarão a 21 de Janeiro e se encerrarão a 30 de Novembro. Os exames terão começo no dia 1 de Dezembro, seguindo-se-lhes um periodo de férias, durante o qual só poderão ficar no estabelecimento os menores completamente desamparados que não tenham parentes ou pessoa que por elles se interesse.

Art. 35. O ensino será ministrado em dous cursos: de adaptação e profissional, que funcionarão parallelamente.

Art. 36. No Instituto «João Alfredo», o plano de estudos no curso de adaptação será igual ao adoptado nas escolas profissionaes masculinas, com os seguintes accrescimos:

- a) ensino de musica vocal e instrumental;
- b) ensino de gymnastica e exercicios militares;
- c) ensino primario elementar e médio para os alumnos que delle carecerem.

§ I. Além dos professores e adjuntos a que se refere o art. 7.º, terá o Instituto «João Alfredo» um professor de gymnastica e exercicios militares, um professor de musica, um professor de instrucção primaria elementar e tantos adjuntos para estas duas ultimas disciplinas quantos se tornarem necessarios, observado o disposto no § II do art. 7.º.

§ II. Durante o primeiro anno de permanencia no instituto todos os alumnos são obrigados a exercicios de modelagem e de jardinagem, realizando-se estes ultimos pela manhã, bem como a trabalhos manuaes, realizados de accôrdo com o programma das escolas primarias.

Art. 37. No Instituto «Orsina da Fonseca» o curso de adaptação abrangerá as materias constantes dos programmas das classes elementar e média das escolas primarias.

Parapho unico. Este ensino será dado por uma professora e tantas adjuntas quantas se tornarem necessarias, observado o disposto no § I do art. 7º.

Art. 38. O ensino profissional nos dous institutos obedecerá ás mesmas normas estabelecidas para este ensino nas escolas professionaes.

§ I. O Instituto «João Alfredo» terá as seguintes secções :

- a) trabalhos em madeira (carpinteiro, marceneiro, torneiro e entalhador);
- b) trabalhos em metal (ferreiro, serralheiro, caldeireiro, torneiro-mecanico e ajustador);
- c) trabalhos em folha de metal (latoeiro, funileiro, chumbeiro, encanamentos e installações sanitarias);
- d) trabalhos em tinta e estuque (pintores, decoradores, fingidores, estucadores);
- e) trabalhos em tijolo, pedra e cimento (pedreiros e canteiros);
- f) trabalhos em couro (sapateiros, corrieiros, etc.);
- g) trabalhos em palha, vime e bambú (empalhador, chapeleiro, cesteiro);
- h) electro-technica (electricistas, installadores de luz e força, constructores de dynamos, pilhas, accumuladores, apparatus telephonicos, telegraphicos, etc.);
- i) trabalhos ruraes (jardineiro, hortelão, pomicultor).

§ II. No Instituto «Orsina da Fonseca» funcionarão as seguintes secções :

- a) costuras (corte e feitio de roupas para crianças);
- b) costura (corte e feitio de roupas brancas grosseiras e de roupas de uso para operarios adolescentes e adultos);
- c) cozinha;
- d) lavagem e engommado;
- e) copa e arranjos de casa.

§ III. Durante o primeiro anno de frequencia no instituto feminino, todas as alumnas se exercitarão em trabalhos elementares de agulha.

Art. 39. No Instituto «João Alfredo» poderá ser permitida a matricula de alumnos externos, em uma ou mais officinas, quando dahi não resultar perturbação da ordem ou disciplina.

Art. 40. Annexo ao Instituto «Orsina da Fonseca», no mesmo edificio e subordinado á mesma direcção, funcionará um externato profissional feminino.

§ I. As aulas e officinas do internato serão completamente separadas das do externato, não se permitindo a minima comunicação entre alumnas internas e externas.

§ II. O externato terá um curso de adaptação e um curso profissional com uma secção commercial, organizada de accôrdo com o disposto no art. 14.

§ III. Para a matricula no externato do Instituto «Orsina da Fonseca» serão observadas as prescripções do art. 16.

A posse do novo governo

Revestiu-se de grande solennidade o acto da posse dos srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues, que se realizou a 1.º de Maio, ás 13 horas, no recinte da Camara dos Deputados.

Para prestar as continencias da pragmatica, formou, extendida em linha, desde o largo da Sé até ao edificio do Congresso, toda a força policial disponivel, sob o commando do coronel Baptista da Luz.

Os novos presidente e vice-presidente do Estado foram recebidos á porta do Congresso por uma commissão, composta dos senadores Lacerda Franco e Virgilio Rodrigues Alves e dos deputados Mario Tavares, Gabriel Junqueira e Julio Prestes.

Os altos funcionarios, o sr. embaixador de Portugal, o sr. arcebispo metropolitano, o corpo consular, ministros do Tribunal de Justiça, vereadores municipaes, juizes de Direito, promotores publicos e outros convidados foram recebidos por uma commissão constituida dos srs. Joaquim Moraes, dr. Horacio Goncalves Pereira, dr. Affonso Luzzi, Antonio Carlos da Fonseca e Mario Egydio de Oliveira Carvalho.

Aberta a sessão solemne, o sr. presidente declarou que o Congresso Legislativo ia deferir o compromisso e investir na posse dos seus cargos o presidente e o vice-presidente do Estado, eleitos para o quadriennio de 1916 - 1920.

Recebidos á porta do Congresso pelos srs. congressistas, os srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues foram conduzidos para o recinto, onde tomaram assento, o primeiro á direita e o segundo á esquerda do sr. presidente do Congresso.

O sr. presidente declarou que os srs. presidente e vice-presidente eleitos do Estado iam prestar compromisso.

Todos os congressistas e convidados se levantaram e os srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues prestaram successivamente o compromisso constitucional, pronunciando as seguintes palavras:

«Prometto cumprir e fazer cumprir a Constituição Federal e a do Estado, observar as leis e desempenhar com patriotismo e lealdade as funções do meu cargo».

O sr. presidente do Congresso declarou empossados no cargo de presidente do Estado de S. Paulo o sr. dr. Altino Arantes Marques, advogado, residente na capital, e no de vice-presidente o sr. dr. Antonio Candido Rodrigues, lavrador, também residente na capital,

A banda de musica executou nesse momento o Hymno Nacional e as bandas de clarins, cornetas e tambores a marcha batida.

Depois, assignado o termo de compromisso, pela mesa do Congresso e pelos novos presidente e vice-presidente, estes se retiraram, com as formalidades com que foram recebidos.

As forças prestaram-lhes as continencias da ordenança e o cortejo de carruagens poz-se em movimento, em direcção ao palacio do governo, até onde os srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues foram acompanhados pelos srs. congressistas e mais pessoas que assistiram á solennidade da posse.

Os srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues receberam hontem numerosos telegrammas de felicitações pela posse de ss. excs. no governo.

Por egual motivo, receberam também muitos cumprimentos os srs. secretarios de Estado.

Na mensagem apresentada pelo exmo. sr. dr. Rodrigues Alves ao exmo. sr. dr. Altino Arantes, disse S. Exa.:

«SR. PRESIDENTE:

Congratulando-me com o Estado de São Paulo pela posse de vosso governo, apraz-me afirmar, de accordo com o sentimento geral da população, que é de grandes esperanças o periodo administrativo, que hoje se inaugura. Tendo tido a honra de vossa collaboração na quasi totalidade do quatriennio, que ora finda, estaria dispensado de vos dar informações do estado dos negocios publicos, si não devesse prestar essa homenagem ao Estado, que me tem honrado com a sua confiança em todas as phases de minha vida publica. Será, aliás, uma brevisima mensagem de saudações e despedida.

Desde que se accentuaram as difficuldades oriundas da guerra européa, comprehenderam todos os responsaveis pela administração publica, que era preciso instituir um regimen de severa economia e executal-o com verdade. Não era licito recuar que, adoptando essa conducta, pudesse ficar entorpecido o desenvolvimento do Estado, quando os grandes serviços publicos

estão organizados e as suas forças productoras têm revelado uma ancia de expansão e uma resistencia, que provocam satisfação e orgulho.

Ha, nesta parte da Republica, no actual momento, e a despeito dos entraves que affectam as condições do trabalho no mundo inteiro, uma actividade que nos faz honra; e, mantido aquelle programma sem hesitações, não haverá solução de continuidade no progresso do Estado, serão vencidas todas as difficuldades, e, ainda uma vez, ficará assignalado quanto a ordem, o trabalho e a economia fazem bons os governos e proveitosas as administrações.

Os elementos são favoraveis para uma excellente expectativa. Não ha obras novas iniciadas; as que, sem inconveniente podiam ser adiadas ou sustadas em seu andamento, o foram resolutamente.»

«Do movimento da receita e despesa do anno findo, verifica-se que a receita ordinaria foi orçada em 65.655:000\$000 e a extraordinaria em 8.850:000\$000; tendo sido arrecadada da receita ordinaria a quantia de 70.454:774\$565 ou mais 4.479:774\$565 do que a orçada, e da receita extraordinaria a quantia de 7.762:557\$000, apura-se um augmento de 5.412:551\$565 sobre a receita orçada.

A despesa attingiu á somma de 92:656:445\$534. Comparadas as sommas da receita e despesa, vê-se que o deficit foi de 14.759:412\$169, quando em 1914 esse deficit se elevou a 54.448:457\$259, e em 1913 a 51.750:259\$889. Si do deficit verificado em 1915, for deduzida a quantia de 9.465:633\$136, despendida com os serviços extraordinarios da captação das aguas do Cotia e do prolongamento da Sorocabana, que foram custeados pela renda ordinaria, a differença entre a receita arrecadada em 1915 e a despesa propriamente orçamentaria será de 5.295:479\$055, comprehendidas as despesas extraordinarias motivadas pela baixa do cambio e juros da divida fluctuante.

E' lisonjeiro este movimento, e, si não sobrevierem acontecimentos imprevistos, em muito pouco tempo, talvez durante o exercicio corrente, o pequeno deficit terá desaparecido».

«Os serviços publicos, principalmente os que se referem á instrucção publica, á hygiene, á força publica, á agricultura e ás obras em geral, estão funcionando com ordem e boa direcção. Em occasião opportuna tereis das respectivas Secretarias informações completas quanto ao seu desenvolvimento.

O Estado gosa de uma tranquillidade perfeita. As eleições realizadas no dia 2 de fevereiro para a constituição da legisla-

tura actual e a de 1.º de março para a eleição de presidente e vice-presidente do Estado, correram calma e regularmente. Nenhum incidente as perturbou.

Está, portanto, S. Paulo aparelhado para continuar a exercer na Federação o papel indicado pelo valor de suas condições economicas, comprehensão dos deveres constitucionaes que lhe cabem no regimen republicano e prestigio dos homens politicos que o dirigem».

Lê-se no *Correio Paulistano* de 7 do corrente:

Instrucção publica

O director da Instrucção Publica recebe uma significativa manifestação de apreço dos directores de grupos escolares.

Com a transmissão do governo do Estado e a entrada do sr. dr. Oscar Rodrigues Alves para a pasta do Interior, todos os funcionarios que exerciam cargos de confiança nas repartições subordinadas a essa Secretaria solicitaram exoneração ao novo titular.

O dr. João Chrysostomo dos Reis Junior, director da Instrucção Publica, foi, porem, conservado no seu elevado posto em attenção aos muitos e inestimaveis serviços que vem prestando ao Estado na direcção daquelle importante departamento da administração.

O que tem sido a benefica influencia de seu culto espirito no ensino publico dizem-nos as estatisticas ultimamente publicadas, attesta-o o ultimo relatorio de s. s., em que, a par do carinho que mostra dedicar á instrucção, evidentemente se patenteia o seu vivo interesse em melhorar as condições do professorado sob sua superintendencia, obtendo, ao mesmo tempo, um augmento progressivo da matricula e da frequencia nas escolas.

Os directores dos grupos escolares da capital e todos os seus auxiliares, tendo uma nitida comprehensão do quanto devem ao seu digno chefe, resolveram prestar hontem uma justa homenagem ao dr. João Chrysostomo, afim de exprimir-lhe a satisfacção que experimentam por vel-o ainda investido da elevada funcção com que o honrou, quando secretario, o sr. dr. Altino Arantes, e na qual muito ha de ainda servir o magisterio paulista.

Os manifestantes foram, ás 14 horas, á Directoria da Instrucção Publica, á rua do Ypiranga, onde o dr. João Chrysostomo foi saudado pelo professor sr. Frontino Guimarães.

Dr. João Kopke

Ha alguns dias que a nossa Capital tem a honra de hospedar o provector educacionista Dr. João Kopke que tem sido muito visitado.

S. s. está realizando no salão nobre do Jardim da Infancia uma série de conferencias em que a primeira teve por titulo — Educação Moral e Civica.

O provector professor correspondeu cabalmente á geral expectativa, convido accentuar que essa expectativa era das mais sympathicas.

E não é de admirar que o numeroso e escolhido auditorio coroasse com applausos unanimes o seu brilhante trabalho, attendendo-se a superior posição que o illustre pedagogista conquistou entre os que se dedicam ao estudo do magno problema do ensino.

A sua conferencia sobre a Educação Moral e Civica merecia realmente as calorosas palmas que a assistencia lhe dispensou.

Foram ouvir a palavra autorizada do dr. João Kopke sobre o assumpto os srs. drs. Altino Arantes, presidente do Estado; e Oscar Rodrigues Alves, secretario do interior. Estiveram tambem presentes o dr. João Chrysostomo, inspector geral da instrucção publica; dr. Oscar Thompson, director da Escola Normal; dr. Freitas Valle, presidente da commissão de instrucção publica da camara dos deputados; lentes e professores de varios estabelecimentos de ensino, diversos inspectores escolares e tantas outras pessoas que se interessam pelas questões pedagogicas.

Uma bella idéa

Do illustre collega, sr. professor Luiz Correia Soares de Araujo, digno director do grupo escolar « Frei Miguelinho », da Capital do Rio Grande do Norte, recebemos a circular abaixo, que contém uma bella iniciativa, digna de ser imitada.

Transcrevendo a, queremos com ella honrar as columnas da « Revista de Ensino », prestando, ao mesmo tempo, uma homenagem áquelle digno educador.

« Directoria do Grupo Escolar « Frei Miguelinho », no bairro do Alecrim, em Natal, 20 de Março de 1916.

Circular n. 6.

Illm.º Senhor :

Temos a grande satisfação de communicar-vos que, no dia 4.º do corrente, foi installada, neste Grupo Escolar, uma Associação Cooperativa e de Mutualidade, tendo por fim amparar as

crianças aqui matriculadas, as quaes, em sua grande maioria, como bem o sabeis, são pobres e dignas da nossa protecção.

As bases para a referida Associação, organisadas por este Directoria, já mereceram a approvação do exmo. dr. Director Geral da Instrução Publica, conforme Portaria n. 2 de 23 da Fevereiro ultimo.

A Associação tem como socios effectivos os alumnos e alumnas do Grupo Escolar « Frei Miguelinho », que gosarão das melhores vantagens que lhes são garantidas pelos estatutos.

Com a Associação Cooperativa está funcionando, desde o dia 10 do corrente, uma Caixa Escolar, para incutir no espirito da criança o sentimento de economia, semelhante a uma pequena Caixa Economica, onde cada alumno vai recolhendo modicas contribuições de \$100 (cem réis) para a formação de um peculio que lhe será entregue no fim de cada anno, afim de occorrer ás despesas com o seu vestuario, na festa de premiação, á qual muitas das crianças, aqui matriculadas, têm deixado de comparecer devido ao seu estado de pobreza.

O alumno, recolhendo á Caixa Escolar \$100 (cem réis), receberá da thesoureira um cartão que equivale a um recibo. Logo que a criança junte 10 (dez) cartões, os trocará por um no valor de 1\$000 (um mil réis), importancia que lhe será creditada em livro especial e recolhida ao Banco do Natal.

No dia 15 de Novembro, em assembléa geral e perante a commissão fiscal, a Directoria da Associação fará entrega do peculio a cada alumno, de accordo com o recolhimento que elle tiver feito durante o anno lectivo e verificado pelos cartões em seu poder.

A Associação contará com uma classe de socios honorarios, cujas contribuições de 2\$000 (dois mil réis), trimestralmente, formarão um fundo de reserva para socorrer as crianças pobres e que estiverem carecidas de amparo.

As crianças doentes serão visitadas duas vezes na semana e o visitante, seja alumno ou professor, tem de informar á Directoria da Associação o estado em que ellas se acharem para que sejam logo tomadas as necessarias providencias.

Para melhor attender ás condições hygienicas do Grupo Escolar e o estado de saúde dos nossos educandos, a Associação conta, desde já com o valioso concurso do illustrado dr. Varella Sant'Iago, que se promptificou a visitar o Grupo Escolar, examinando e medicando as crianças apresentadas pela Directoria.

O illustre dr. Joaquim Torres, digno proprietario da « Pharmacia Torres », num bello gesto de humanidade, comprometteu-se perante esta Directoria a despachar, gratuitamente, as receitas manipuladas na sua pharmacia para uso das crianças pobres da

Associação e ainda lhes vender pelo custo, os remedios nacionaes e estrangeiros, uma vez que o estado de pobreza das referidas crianças seja attestado por esta Directoria.

A Associação, para bem garantir os direitos dos seus associados, conta igualmente com os serviços profissionaes dos bachareis Moysés Soares de Araujo e João Soares de Araujo que, de boa vontade, se prestaram a ser, em caso de necessidade, os advogados das crianças aqui matriculadas.

E' bem possivel que para preencher os seus fins, a Associação promova, logo que puder, o registro civil de todas as crianças matriculadas neste Grupo Escolar, trabalhando igualmente no sentido de diffundir o ensino civico entre as crianças do bairro do Alecrim, reunindo-as duas ou tres vezes por mez, para lhes dar, em projecções, lições praticas de historia patria.

Convem nctar, que esta Associação não criou para os nossos alumnos nenhuma contribuição vexatoria e cada qual entrará para a Caixa Escolar com a pequena importancia que adquirir, sem dia determinado para isto. O que, porém, está naturalmente explicado é que quanto mais a criança recolher, maior será o seu peculio no fim do anno.

A caixa poderá acceitar donativos destinados ás crianças pobres e acceitará igualmente importancias para qualquer alumno individualmente, uma vez que venha indicado o seu nome.

Assim é que já fizemos ver aos nossos educandos que premiaremos com um cartão áquelles que durante o mez, não faltarem ás aulas.

O alumno só perderá o direito de socio e até mesmo a importancia já recolhida, si faltar ás aulas durante 50 (trinta) dias sem causa justificavel. Ainda mesmo sahindo do Grupo Escolar não perderá a importancia recolhida, a qual, passando para uma caderneta da Caixa Economica Federal, lhe será entregue mediante recibo do seu pae ou tutor, a quem cumpre declarar o motivo da retirada do seu filho ou tutelado e a escola em que pretende matricular-o.

E' assim, Ilmo. Sr. que a Directoria do Grupo Escolar «Frei Miguelinho» confia immensamente nos bons resultados de tão util Associação que vem garantir e amparar uma porção de crianças, filhas de humildes operarios deste bairro, tão carecidos de que velemos pela educação dos seus filhinhos.

Pensamos assim ter explicado, ainda que ligeiramente, tudo quanto temos a fazer em pról das crianças aqui matriculadas e de cujos paes temos recebido as mais captivantes palavras de

conforto — o bastante para nos dedicarmos cada vez mais á obra santa que trará a remodelação do character nacional.

Vosso amigo grato

LUIZ CORREIA SOARES DE ARAUJO

Director do Grupo Escolar « *Frei Miguelinho* ».

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados poderão obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

Continuamos a receber grande numero de publicações, com as quaes permutamos.

As recebidas ultimamente são :

Boletim da Alliança Franceza, Paris.

O Movimento, S. Manoel do Paraizo.

Bulletin Officiel, Paris.

Memria de Instrucção Publica, Costa Rica.

El Monitor de la Educacion Común, Buenos-Ayres.

Revista de la Educacion Fisica, Buenos-Ayres.

Revista de Elucación, Buenos-Ayres.

Patria, Recife.

Monitor Sul-Mineiro, Cid. da Campanha.

Le Mésager de Saint Paul, Capital.

O Conservador, Nazareth.

Educação e Pediatria, Rio de Janeiro.

Boletin Mensual del Museo Social Argentino, Tucuman.

Diario Official, São Paulo.

La Revista Coloniale, São Paulo.

O Commercio do Acre, Xapury.

A Federação Escolar, Porto.

Via Lactea, Piauhy.

Revista de Educação, Lisboa.

Educacion Comun, Buenos-Ayres.

Revista Escolar, Rio de Janeiro.

O Mogymiriano, Mogy-mirim.

O 11 de Junho, Gremio Normalista, Pirassununga.

Comarca, Mogy-mirim.

A Directoria Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a Redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração com este endereço:

Redacção da Revista de Ensino.

Directoria Geral da Instrucção Publica.

Rua Ypiranga, n. 24.

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado.

Recebem-se collaboração para o numero seguinte.

A *Revista* começou a ser distribuida gratuitamente a todos os Srs. Professores e Professoras dos Grupos escolares do Estado, alumnos dos 4.^{os} annos das Escolas Normaes e aos Professores de escolas isoladas que a requisitarem.

Deste modo a Redacção espera que todos os Srs. Professores se interessarão pela *Revista*, enviando sua collaboração, de modo que continue a ser um repositorio seguro de observações em relação a todas as disciplinas do programma.

Deixou de ser procurador social o sr. Assis Velloso, pelo que, os srs. associados, que tiverem de enviar suas procurações, as dirigirão ao cidadão Aristides Pereira Leite, declarando nelas que podem ser substabelecidas, afim de que não venham a soffrer interrupção no andamento de seus pedidos.

Toda a correspondencia será dirigida ao secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques. Caixa do correio n. 183 Capital

Os srs. associados têm direito, gratuitamente, aos serviços do procurador social, que trata nas repartições publicas do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs professores e professoras.

Está á venda o — nono — volume da *Revista* de 1914 — 1916 para completar as antigas collecções, preço 5\$000 ; a enviar pelo correio, mais 500 reis de porte e registro.

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continua a representar, na imprensa, a *Associação Benficiente do Professorado Publico de S. Paulo*.

E' o seu organo ; a ella devem ser endereçados (rua Ypiranga n. 24) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Pedimos aos srs. assignantes que ainda não mandaram reformar suas assignaturas, queiram fazel-o para evitar que lhes seja suspensa a remessa da *Revista*

A importancia da assignatura, 5\$000 por anno, pode ser enviada em valle postal ou em sellos do correio.

“Revista de Ensino”

A' venda — collecções completas, quatorze annos e nono volume :

Encadernação superior	55\$000
Meia encadernação	45\$000
Em brochura	35\$000
Em fasciculos	25\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Pedidos á *Associação Beneficente do Professorado*, rua Ypiranga n. 24, ou ás livrarias *Francisco Alves & Comp.* rua de S. Bento, e *Duprat & Comp.*, rua de S. Bento, 2 — Capital.
